

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

OHANA FRANCIELLY DOS SANTOS

**PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA UFG SOBRE A RELAÇÃO ENTRE
COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E DESINFORMAÇÃO**

GOIÂNIA

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: OHANNA FRANCIELLY DOS SANTOS

Título do trabalho: PERCEÇÃO DOS GRADUANDOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFG SOBRE A RELAÇÃO ENTRE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E DESINFORMAÇÃO

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Ohanna Francielly dos Santos
(Nome completo do autor)²

Ciente e de acordo:

Rone Mendes da Silva
(Nome completo do orientador)²

Data: 03/12/2019.

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Versão abril de 2018

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

OHANA FRANCIELLY DOS SANTOS

**PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA UFG SOBRE A RELAÇÃO ENTRE
COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E DESINFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, da Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Rose Mendes da Silva

GOIÂNIA

2019

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237p

Santos, Ohana Francielly dos.

Percepção dos graduandos do curso de biblioteconomia da UFG sobre a relação entre comportamento informacional e desinformação [manuscrito] / Ohana Francielly dos Santos. - 2019. 82 f.: il., color.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Biblioteconomia, Goiânia, 2019.

Orientadora: Profa. Ma. Rose Mendes da Silva.

Apêndices.

Inclui lista de figura, inclui lista de gráfico, lista de siglas.

Desinformação. 2. *Fake news*. 3. Pós-verdade. 4. Competência informacional. 5. Comportamento informacional. I. Silva, Rose Mendes da. orient. II. Título.

CDU 02

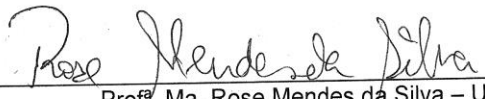
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

OHANNA FRANCIELLY DOS SANTOS

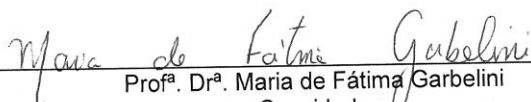
**PERCEÇÃO DOS GRADUANDOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
UFG SOBRE A RELAÇÃO ENTRE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E
DESINFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em 03/12/2019 pela banca examinadora composta pelos seguintes profissionais:



Prof.^a Ma. Rose Mendes da Silva – UFG
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Garbelini
Convidada

DEDICATÓRIA

Dedico à minha ohana, que sempre esteve presente me apoiando e me levantando a cada queda, em todas as etapas da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Essa era a parte que eu achava que seria a mais fácil, cheia de melodrama e mimimi, mas está sendo tão difícil, porque é uma lista tão extensa a quem devo agradecer que tenho medo de esquecer e chatear alguém e a mim mesma por ter esquecido de citar. Então, se seu nome não aparecer nas próximas linhas, não fique triste ou bravo comigo, eu gostaria de te agradecer do mesmo jeito, pois se você está lendo esse texto você esteve presente nessa longa jornada de quatro anos, quase dez, diretamente ou indiretamente.

Pai (Gilvan Pereira dos Santos), mãe (Helena Moreira dos Santos), vocês são as pessoas mais importantes da minha vida, a vocês eu agradeço por absolutamente tudo. Não tenho nem palavras para dizer como sou grata a tudo que fazem por mim. Irmãs e irmão (Naira Francielly dos Santos, Ariadne Francielly dos Santos, Mable Franciely dos Santos e Gilvan Pereira dos Santos Junior), vocês são chatos, mas meu amor por vocês é incondicional a qualquer coisa. Vocês e meus monstros (Jordana Oliveira Santos, Heitor Oliveira Santos e Julia 'nó em goteira' Oliveira Santos) e até o agregado do Esmigol (Rodrigo Oliveira Viana) são meu porto seguro e minha constante, sem vocês eu deixo de ser Ohana e me torno ninguém.

Mateus Barbosa dos Santos, meu Coração, por ter pegado tanto no meu pé por esse agradecimento e para entrar como coautor, eu não sei como agradecer, mas obrigada, por estar presente nessa fase louca da minha vida, por me ajudar tanto na construção desse trabalho, por aturar meus surtos e crises. Amo-te muito, você é meu esteio e sei que sempre poderei contar com você.

A UFG não é Townsville, mas, com certeza, vocês salvam meus dias, minhas meninas mais que poderosas, Larissa de Oliveira Rosa (Florzinha) e Sabrina de Melo Queiroz (Docinho). Vocês são as melhores pessoas que eu poderia ter ao meu lado nesses últimos quatro anos. Minha Florzinha, a mais inteligente, o que teria sido de mim sem você na elaboração desse trabalho. Queria ser tão boa com as palavras como você é, para escrever um textão bonito e demonstrar como sou grata, por tudo que fez e faz por mim mesmo nos seus momentos mais difíceis. Bina, a Docinho

amarga mais doce do mundo, mulher guerreira que sabe e vai atrás do que quer, independente da dificuldade que vai enfrentar, você me inspira, pois mesmo com todas dificuldades desse percurso, você se manteve firme e me ajudando sempre desde o início. Muito obrigada! Por estarem nessa jornada comigo fazendo com que ela seja suportável, acho que amo vocês.

Também gostaria de agradecer aos meus professores, que compartilharam um pouquinho do conhecimento de vocês comigo, em especial a vocês: Ilaydiany, Lais, Andréa e Rose. Vocês não têm noção de como me marcaram, cada uma ao seu modo, e como sou extremante grata por isso, em vocês irei me inspirar nessa nova fase que se inicia.

Enfim, a todos os citados e não citados, meu muito obrigada por aturarem meu jeito torto de ser durante essa etapa.

A informação só tem valor quando gera conhecimento e o conhecimento não aplicado é tão inútil como a desinformação.

Paulo Rubini

RESUMO

O trabalho trata sobre a percepção dos graduandos do curso de Biblioteconomia da UFG sobre a relação entre comportamento informacional e desinformação. O objetivo foi identificar a relação dos estudantes do 6º e do 8º período referente aos temas comportamento informacional e desinformação, através da exploração de conceitos relacionados à temática, a partir de estudos realizados por pesquisadores na área da Ciência da Informação, para verificar como esses estudantes estão abordando esses assuntos. Metodologicamente é classificado como um estudo de cunho bibliográfico e documental, quali-quantitativo, de natureza aplicada e caráter exploratório-descritivo, cujos dados foram colhidos a partir da aplicação de questionário via web, com questões abertas, fechadas e semiabertas. Os dados coletados foram analisados com base no referencial teórico levantado e apresentado no trabalho. Os resultados expressam que, apesar de serem futuros bibliotecários e desenvolverem, ao longo da graduação, habilidades e técnicas para a busca e uso de informações provenientes de fontes confiáveis, ainda há muita dificuldade na diferenciação dos conceitos base de *fake news*, pós-verdade e desinformação. Constatou-se que é necessário adaptar os currículos de Biblioteconomia para esta nova realidade ou ofertar cursos e minicursos, ou ainda, uma disciplina de núcleo livre, sobre temáticas mais atualizadas, tais como as tratadas neste trabalho, a fim de formar profissionais cada vez mais competentes para atender a demanda informacional dos usuários.

Palavras-chave: Desinformação. *Fake news*. Pós-verdade. Competência informacional. Comportamento informacional.

ABSTRACT

The paper deals with the perception of the undergraduate students of the UFG Library course on the relationship between informational behavior and misinformation. The objective was to identify the relationship of students of the 6th and 8th period regarding the themes informational behavior and disinformation, through the exploration of concepts related to the theme, from studies conducted by researchers in the area of Information Science, to verify how These students are addressing these issues. Methodologically it is classified as a study of bibliographic and documentary nature, qualitative and quantitative, of applied nature and exploratory-descriptive character, whose data were collected from the application of questionnaire via web, with open, closed and semi-open questions. The collected data were analyzed based on the theoretical framework raised and presented in the paper. The results express that, although they are future librarians and develop, through graduation, skills and techniques for searching and using information from reliable sources, there is still much difficulty in differentiating the basic concepts of fake news, post-truth and misinformation. It was found that it is necessary to adapt the library curricula to this new reality or offer courses and short courses, or even a free core discipline, on more updated topics, such as those addressed in this work, in order to train increasingly professionals. competent to meet the informational demand of users.

Keywords: Misinformation. Fake news. Post truth. Informational competence. Informational behavior.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Busca do termo ‘desinformação’ no Google.....	18
Figura 2 – Como identificar notícias falsas.....	24
Figura 3 – Página do site detector de <i>fake news</i>	26
Figura 4 – Dados, informação e conhecimento	29
Figura 5 – Modelo Anomalous States of Knowledge.....	44
Figura 6 – Modelo de comportamento de busca de informação.....	45
Figura 7 – Modelo de comportamento informacional de Wilson.....	46
Figura 8 – Modelo <i>Sense-making</i>	47
Figura 9 – Metáfora do modelo do <i>Sense-making</i>	47
Figura 10 – Fases do comportamento na busca informacional de Ellis	48
Figura 11 – Quadro do Processo de Busca da Informação (ISP).....	49
Figura 12 – Modelo revisado de comportamento informacional de Wilson	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Leitura do termo de consentimento.....	58
Gráfico 2 – Prosseguir para o questionário	58
Gráfico 3 – Período cursado.....	59
Gráfico 4 – Faixa etária	59
Gráfico 5 – Entendimento sobre <i>fake news</i>	60
Gráfico 6 – Verificação da fonte dos conteúdos consultados	61
Gráfico 7 – Já repassou conteúdos falsos através das redes sociais	62
Gráfico 8 – Considera-se capacitado para identificar conteúdos falsos	63
Gráfico 9 – Como realiza a identificação	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Aprendizado de Máquina
ASK	Anomalous State of Knowledge
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
ISP	Information Search Process
MIT	Instituto de Tecnologia de Massachussets
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PLN	Processamento de Linguagem Natural
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
SI	Sociedade da Informação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 INFORMAÇÃO E COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL	16
2.1 ERA DA INFORMAÇÃO X DESINFORMAÇÃO	16
2.2 <i>FAKE NEWS</i> , PÓS-VERDADE E O PROBLEMA DA DESINFORMAÇÃO	20
2.2.1 Fontes de informação confiáveis	28
2.2.2 Bibliotecário: mediador da informação	33
2.2.3 Letramento informacional no combate à desinformação	38
2.3 COMPORTAMENTO INFORMACIONAL	40
2.3.1 Os principais modelos de representação do comportamento informacional	43
3 METODOLOGIA	52
3.1 TIPO DE ESTUDO	52
3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA EMPÍRICA	54
3.3 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA PARA A PESQUISA EMPÍRICA	54
3.4 COLETA DE DADOS	55
4 ANÁLISE DOS DADOS	57
4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	76
APÊNDICE B – Questionário aplicado junto aos estudantes de Biblioteconomia	78

1 INTRODUÇÃO

Milhares de novas informações são produzidas e depositadas na *web* todos os dias. Muitas delas podem ser encontradas através dos buscadores digitais, como Google, Bing e Yahoo, por uma simples busca acerca da temática desejada na internet. Essas informações se referem aos mais variados assuntos e podem ser encontradas em diversos formatos. É tanta informação disponível que acaba se criando um processo de desinformação. O acesso é fácil, mas não é tão fácil selecionar o que é útil e o que não é; o que é verdadeiro e o que é falso. É com base nesta premissa que a presente pesquisa se justifica, ao pretender analisar a percepção de como os graduandos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG) lidam com os temas de competência informacional e desinformação.

Para tanto, o trabalho foi norteado pela seguinte questão problema: Como os estudantes do curso de Biblioteconomia estão recebendo, discutindo e analisando a relação entre comportamento informacional e desinformação no contexto atual?

É algo inerente à espécie humana a necessidade de busca para saciar seus anseios físicos e mentais. Quando o corpo precisa de comida, o ser humano busca algo que possa comer; quando tem dúvidas busca informações que possam saná-las. Portanto, o comportamento informacional pode ser entendido como um procedimento de busca, para uso e transferência de informação, logo após a identificação da necessidade informacional da pessoa no contexto em que se encontra.

Com base em observações realizadas durante os períodos eleitorais nos Estados Unidos e no Brasil, percebeu-se que houve um grande aumento na propagação das *fake news* no ambiente digital, fazendo com que o assunto passasse a ser bastante discutido. Em 2016, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos, os candidatos que estavam concorrendo ao cargo acusavam um ao outro de disseminar notícias falsas na *web* a fim de atacar a figura do concorrente e de manipular os usuários/eleitores a votar em determinado candidato. Este fenômeno também teve destaque durante as eleições do ano de 2018 no Brasil, porém, majoritariamente, o principal difusor acabou por ser o próprio eleitor, através

de compartilhamentos nas redes sociais – como Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp e outras, causando desinformação.

É cada vez mais comum os usuários das redes sociais se depararem, em seus perfis, com algum tipo de conteúdo falso. Caso ele seja compatível com o seu modo de pensar, esse usuário provavelmente irá compartilhá-lo sem realizar uma pesquisa para verificar a veracidade das informações, dando continuidade ao ciclo da desinformação e da propagação de conteúdos falsos. Para que esse ciclo possa ser quebrado, os indivíduos devem ser capacitados a identificar notícias, imagens, vídeos e conteúdos variados que podem ter sido manipulados e se conscientizar dos problemas que podem ser gerados a partir da sua proliferação.

O aumento do fluxo informacional na chamada Sociedade da Informação tem sido tão intenso nos últimos anos que está se tornando cada vez mais difícil para os profissionais da informação lidar com essa situação. O bibliotecário, como parte dos profissionais da informação, é um dos afetados na consecução de sua profissão. Em seu processo de formação, no âmbito tecnicista, ele é capacitado para lidar, principalmente, com o processamento técnico da informação, porém, observa-se uma mudança nas demandas dos usuários, em especial no que diz respeito à necessidade por informações confiáveis. É com base nessa necessidade, e devido ao aumento das ferramentas facilitadoras (mecanismos de busca) de acesso à informação para a produção de conhecimento, atrelado ao comportamento informacional e à desinformação, que surgiu a proposta de identificar a percepção dos graduandos do curso de Biblioteconomia da UFG acerca da relação entre os temas citados.

Neste sentido, a pesquisa teve, como objetivos específicos: explorar conceitos relacionados ao comportamento informacional e à desinformação; identificar como os temas competência informacional e desinformação estão sendo tratados pelos pesquisadores na área da Ciência da Informação; e verificar como os estudantes do curso de Biblioteconomia da UFG estão recebendo, discutindo e trabalhando questões de competência informacional e desinformação.

Para que esses objetivos pudessem ser atingidos, foi utilizada, como parte da metodologia, uma revisão bibliográfica para explorar os conceitos relacionados ao comportamento informacional e à desinformação, em especial no que se refere a como essa temática vem sendo tratada pelos pesquisadores na área da Ciência da

Informação. Trata-se de pesquisa classificada como quali-quantitativa, já que visava descrever fatos a partir do levantamento das informações obtidos em referencial teórico e também de dados coletados em pesquisa empírica. De natureza aplicada e caráter exploratório-descritiva, pois se objetivava explicitar o problema ao mesmo tempo em que o analisava e realizava-se observações sobre o mesmo. Além disso, trata-se ainda de pesquisa de cunho bibliográfico e documental, pois foram analisados de documentos impressos e eletrônicos, compondo um extenso referencial teórico.

Para verificar como os estudantes do curso de Biblioteconomia da UFG estão recebendo, discutindo e analisando essa questão, aplicou-se um questionário estruturado com seis questões fechadas e uma semiaberta acerca dos temas aos acadêmicos do sexto e do oitavo períodos. Buscou-se, através da análise dos dados obtidos e dos levantamentos teóricos realizados, compreender a percepção de como esses estudantes lidam com os temas estudados.

2 INFORMAÇÃO E COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL

No presente capítulo são apresentados alguns conceitos sobre as temáticas desinformação, *fake news* e pós-verdade para, em seguida, estabelecer uma contextualização sobre os temas e como eles se relacionam com o papel do bibliotecário no combate à disseminação de informações falsas. Além disso, discute-se como o letramento informacional pode minimizar essa problemática e como a necessidade informacional está atrelada ao comportamento informacional do indivíduo.

2.1 ERA DA INFORMAÇÃO X DESINFORMAÇÃO

Na era da informação é muito fácil estar desinformado, pois são tantas notícias e conteúdos publicados diariamente e difundidos na internet e por outros meios de informação/comunicação que se torna humanamente impossível acompanhar tudo o que está sendo disponibilizado e verificar se esses conteúdos são verdadeiros. A desinformação faz com que várias pessoas repitam discursos, muitas vezes de ódio, devido ao acesso a essas notícias.

A era da informação, também denominada era digital ou era tecnológica, em que se vive hoje faz parte da Terceira Revolução Industrial ou Revolução Tecnocientífica.

Para Pena ([2018]),

A era da informação nada mais é, do que mais uma dentre as várias evoluções que as transformações sobre as técnicas produziram, desde a invenção das técnicas agrícolas em tempos remotos. Sendo assim, trata-se também de uma nova forma de se produzir e transformar o espaço geográfico, as paisagens, os lugares e o território. (PENA, [2018]).

A Primeira Revolução Industrial aconteceu em meados do século XVIII, na Inglaterra, com a transição do sistema de produção artesanal para o industrial, com a utilização do carvão mineral como fonte de energia e o minério de ferro como matéria prima. A Segunda Revolução Industrial ocorreu nos Estados Unidos entre o final do século XIX e o início do século XX, com o aprimoramento do maquinário industrial, tornado a produção ainda maior. Nessa fase a principal fonte de energia era o petróleo e também houve grandes avanços na área de telecomunicação, como

a invenção do telefone e do rádio. Já a Terceira Revolução Industrial teve início em meados do século XX, novamente nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, ainda perdurando nos dias atuais. Nesse período houve grandes evoluções no campo tecnológico, como, por exemplo, o aumento na produção de computadores, a expansão de transmissores de rádio e televisão, o aprimoramento dos meios de comunicação, entre outros, dando início à chamada Sociedade da Informação (SI) (FASES..., [2018]).

Segundo Gouveia (2004),

A Sociedade da informação está baseada nas tecnologias de informação e comunicação que envolvem a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios electrónicos, como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros. Estas tecnologias não transformam a sociedade por si só, mas são utilizadas pelas pessoas em seus contextos sociais, económicos e políticos, criando uma nova comunidade local e global: a Sociedade da Informação. (GOUVEIA, 2004, p. 1).

Na SI, também chamada de sociedade do conhecimento, as pessoas aproveitam as vantagens proporcionadas pelas tecnologias em diversos aspectos das suas vidas: no trabalho, em casa, no lazer e em outros momentos. A tecnologia é um elemento de suma importância e pode potencializar as relações entre os indivíduos (GOUVEIA, 2004), pois o ambiente digital proporciona diferentes contatos entre pessoas, culturas, notícias, informações e outros, sem que seja necessário sair da zona de conforto para ter acesso a uma infinita variedade de conteúdo.

Dupas (2001 *apud* MACHADO; TAVARES; CARVALHO, 2013) afirma que:

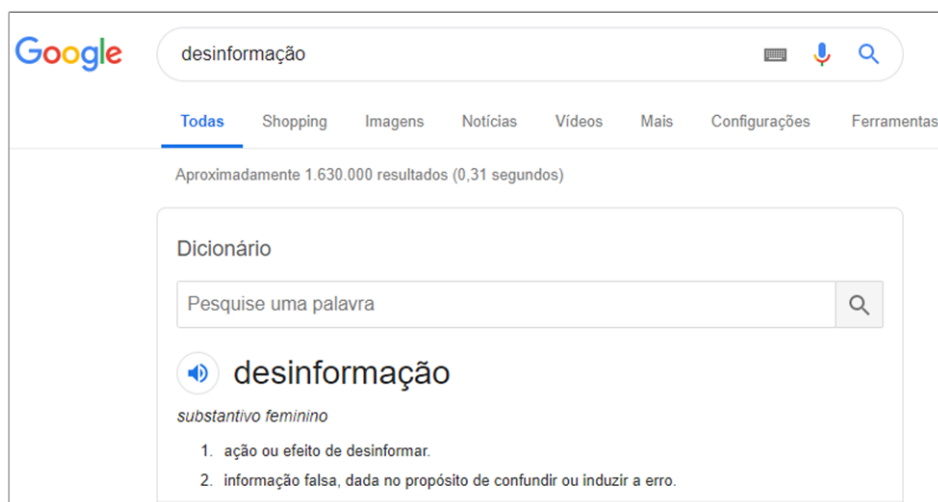
Graças à explosão da tecnologia da informação, os avanços científicos foram se traduzindo numa tecnologia que exige mínima compreensão dos usuários finais. Com todos esses progressos, devíamos esperar que as ideologias voltassem a aplaudir os maravilhosos triunfos da ciência e da mente humana (DUPAS, 2001, p. 14 *apud* MACHADO; TAVARES; CARVALHO, 2013, p. 4).

Uma das principais características da era digital é a globalização. Entende-se que um mundo globalizado é um mundo com menos barreiras e mais unido. Para Pena ([2018]), “[...] a integração mundial é uma outra marca, haja vista que, via *internet*, pessoas do mundo inteiro estão interligadas, compartilhando informações, divulgando impressões e difundindo formas de cultura e saberes”.

As informações compartilhadas na *web* surgem e desaparecem facilmente, em muitos casos sem que seja comprovada a origem dos dados divulgados ou exista autoria definida. Esse tipo de conteúdo é divulgado principalmente nas mídias sociais, de modo que a falta de veracidade de conteúdos publicados através da internet é uma realidade na atualidade (MACHADO; TAVARES; CARVALHO, 2013). A ausência de veracidade provoca uma série de transtornos, entre elas a desinformação.

Após uma busca simples do termo ‘desinformação’ no Google se encontra a seguinte definição: “Ação ou efeito de desinformar” ou “Informação falsa, dada no propósito de confundir ou induzir a erro” (DESINFORMAÇÃO, 2018), como se vê na Figura 1.

Figura 1 – Busca do termo ‘desinformação’ no Google



Fonte: Adaptado de Desinformação (2018).

No Wikipédia o termo ‘desinformação’ é definido como:

[...] técnicas de comunicação e informação para induzir a erro ou dar uma falsa imagem da realidade, mediante a supressão ou ocultação de informações, minimização da sua importância ou modificação do seu sentido. Tem como objetivo influenciar a opinião pública de maneira a proteger interesses privados. (DESINFORMAÇÃO, 2019).

Em 2018 o Dictionary.com escolheu *misinformation* como a palavra do ano, que, em português, significa desinformação. E a definiu como: “[...] informações falsas que são divulgadas, independentemente de haver intenção de enganar.”

(SHERMAN, 2018, tradução nossa). A escolha do termo é devido ao crescimento desenfreado da desinformação, fornecendo novos desafios para a navegação.

Brisola e Bezerra (2018, p. 3319) entendem que esse termo “[...] envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde”. Os autores consideram ainda que nem sempre a desinformação é completamente falsa, ela pode ter sofrido distorções ou ser constituída somente por partes da verdade.

Para Leite e Matos (2017, p. 2336) a desinformação acontece quando o indivíduo perde sua capacidade de questionar e de analisar de forma racional, “[...] gerando uma mecanização no comportamento dos indivíduos acerca da informação, de modo que acabam se comportando como propagadores de uma onda de ‘poluição informacional’”. Neste sentido, pode-se concluir que o fenômeno da desinformação vai além das discussões sobre os conteúdos falsos divulgados na internet, já que são apresentadas e divulgadas com a intenção de desinformar ou de favorecer o interesse de algo/alguém.

Um dos principais objetivos da desinformação é influenciar a opinião pública e, para tanto, aproveita-se da emergência informacional de cada indivíduo. Essa emergência faz com que o indivíduo não verifique a fonte de onde está retirando a informação que está compartilhando, sendo que, muitas das vezes, ele pretende somente atender a sua necessidade informacional momentânea.

Quando uma pessoa percebe que não sabe de algo que pode lhe ser útil, ele possui uma necessidade informacional. Essa necessidade é diferente para cada um, e pode variar de acordo com diversos fatores, entre eles: idade, gênero, nível de escolaridade, área de atuação profissional e afins. Wilson (1981 *apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 119) a descreve como “[...] uma experiência subjetiva que ocorre apenas na mente de cada indivíduo, não sendo, portanto, diretamente acessível ao observador”.

Atender a essa necessidade é sempre uma urgência na atual era da informação, onde os ditos populares: ‘quem tem a informação, tem o poder’ ou ‘quem tem a informação, tem tudo’ são cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. A evolução tecnológica e as facilidades geradas por ela através dos meios de comunicação, propicia que essa necessidade seja atendida de forma cada vez

mais ágil, com pesquisas consideradas rápidas e simples realizadas através dos buscadores disponíveis na *web*.

Segundo Dutra (2011), “[...] o homem se preocupa em encontrar instrumentos intelectuais que o ajudem a propagar e se livrar de informações falsas” desde a antiguidade, e a *web* faz com que as informações sejam compartilhadas de modo simples, fácil e com poucos cliques através das redes sociais, sendo ela verdadeira ou não. Na maioria das vezes a fonte de onde a informação é extraída não é checada, de modo que essa ‘urgência informacional’ pode prejudicar o indivíduo – bem como a outras pessoas, tornando-lhe desinformado e vítima das chamadas *fake news*, pois nem sempre o conteúdo acessado é verídico.

2.2 FAKE NEWS, PÓS-VERDADE E O PROBLEMA DA DESINFORMAÇÃO

Durante uma entrevista concedida pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, eleito em 2016, para o programa de Mike Huckabee, exibido na emissora Trinity Broadcasting Network, ele afirmou ter criado a expressão *fake news* (TRUMP..., 2017). Mas o dicionário Merriam-Webster revela que o termo, aparentemente, surgiu por volta do final do século XIX. Entretanto, o termo pode ter surgido antes mesmo da década de 1890, tendo sido utilizado para indicar que os jornais estavam mentindo em suas publicações, principalmente em notícias de contexto político – mas não ficando restrito somente a elas (THE REAL..., [2016]).

A expressão é autoexplicativa e literalmente quer dizer ‘notícias falsas’ em sua tradução para o português. Para Paula, Silva e Blanco (2018) *fake news*:

[...] são informações noticiosas que buscam alertar o público para alguma situação ou retratar um ponto de vista de um acontecimento. Entretanto, como se pode deduzir pelo nome, possui parte ou todo seu conteúdo composto de informações inverídicas. (PAULA; SILVA; BLANCO, 2018, p. 93).

Pena (2018) corrobora esse conceito, porém, apresenta um novo, levando em consideração o ponto de vista político para o uso do termo. Para ele, as *fake news* são “[...] como uma ferramenta específica política que tem espaço nas mídias digitais como as redes sociais, os blogs, ou até mesmo jornais e revistas claramente disseminadores de pautas escolhidas em razão de dar força política a um político.” (PENA, 2018, p. 136).

Apesar de a atribuição inicial de autoria ser para Trump, o uso das *fake news* como ferramenta, tal como se conhece no atual contexto político, surgiu na extinta União Soviética, no período entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, quando do surgimento dos novos aparatos para distribuição de informação, como a criação de canais televisivos pelo governo para manipulação das massas, conforme diz Pena (2018). Entretanto, somente com a chegada de Vladimir Putin ao poder na Rússia, em 2000, que a “[...] influência política da mídia foi otimizado e aperfeiçoado seguindo em encontro com as novas mídias digitais [...]” através da internet (PENA, 2018, p. 146).

Desse modo, as *fake news* como se conhece hoje, no contexto político, tiveram início na era Putin, na Rússia. E com a popularização da internet seu poder destrutivo aumentou, pois tornou possível, para qualquer pessoa, divulgar *fake news* em forma de texto, vídeo, imagem e outros – inclusive como fonte de renda, sendo a pessoa credenciada ou não para tal função.

Há que se considerar ainda, no contexto político-eleitoral, o uso de sites e *bots* criados exclusivamente para a disseminação de notícias falsas, visando a obtenção de lucro financeiro, conforme alerta o artigo intitulado *The spread of true and false news online*, assinado por quatro pesquisadores do Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT) e publicado pela revista *Science* em março de 2018 (CÁRGANO, 2018). O termo *bot* deriva da palavra em inglês *robot*, que em português significa robô. O *bot* é um robô em meio digital programado para realizar tarefas repetitivas e automatizadas. É muito utilizado em jogos *online*, quando o jogador joga contra o ‘computador’, mas também:

[...] são programados para espalhar informações muito mais rápido do que seres humanos conseguem fazer, a rede social é bombardeada com as *fake news*, causando um efeito dominó: quanto mais pessoas reais têm contato com a notícia falsa, mais elas acreditam que a informação é verdadeira, e acabam por compartilhá-la. (LIMA, 2018).

Os *bots* se tornaram ferramentas poderosas capazes de influenciar o processo eleitoral de um país ao ser usado para disseminar postagens com conteúdo falso que, quando repostadas de forma sucessiva, recebem maior visibilidade que outros assuntos, podendo beneficiar, assim, determinado candidato.

Durante a eleição presidencial norte-americana em 2016, Donald Trump e Hilary Clinton concorriam à presidência dos Estados Unidos e as *fake news* foram

utilizadas como uma ‘poderosa ferramenta política’ para a manipulação das massas. Nas eleições brasileiras de 2018, na disputa para presidente entre Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL), também foi feito o uso das *fake news* como artifício de poder político, principalmente usando do compartilhamento de notícias falsas através das redes sociais para manipulação e maior controle da opinião pública – como denunciado por alguns meios de comunicação e pelos próprios eleitores ao longo e após o processo eleitoral.

Pena (2018) observa que, a chegada ao poder através controle das massas, por intermédio das *fake news*, pode levar a um governo autoritário, disfarçado de democracia. Sendo que o ideal é sempre que o candidato seja eleito democraticamente, com o voto consciente da maioria dos eleitores. Uma vez influenciados ou manipulados por *fake news* tais eleitores podem não usar o voto de forma consciente.

No século XXI, com o crescimento das redes sociais e sua popularização, ocorreu um grande crescimento na divulgação de *fake news*, fazendo com que as redes sociais se tornassem os principais meios de veiculação de notícias falsas – levando-se em conta que essa forma de distribuição atinge uma grande quantidade de usuários em pequeno espaço de tempo. Esse fato não é um fenômeno recente, mas tem assumido proporções inéditas e alarmantes, de modo que, “[...] tem motivado muitas discussões, matérias jornalísticas e trabalhos acadêmicos, especialmente nas áreas de Comunicação e Informação”, conforme dizem Brisola e Bezerra (2018, p. 3317).

Outra reação, motivada pelo vínculo direto do uso de *fake news* com a política, foi a aprovação, pelo Senado brasileiro, da atualização do Código Eleitoral, que altera a Lei nº 4.737/1965 para a Lei nº 13.834/2019, incluindo um item a favor da penalização de quem compartilha informações falsas.

Art. 1º Esta Lei acrescenta artigo à Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965 - Código Eleitoral, para tipificar o crime de denunciação caluniosa com finalidade eleitoral. Art. 2º A Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965 - Código Eleitoral, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 326-A: “Art. 326-A. Dar causa à instauração de investigação policial, de processo judicial, de investigação administrativa, de inquérito civil ou ação de improbidade administrativa, atribuindo a alguém a prática de crime ou ato infracional de que o sabe inocente, com finalidade eleitoral: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 8 (oito) anos, e multa. § 1º A pena é aumentada de sexta parte, se o agente se serve do anonimato ou de nome suposto. § 2º A pena é diminuída de

metade, se a imputação é de prática de contravenção. § 3º (VETADO). (BRASIL, 2019).

A Lei 13.834/2019 entrou em vigor em 4 de junho de 2019 e prevê a pena de dois a oito anos de reclusão para quem divulgar notícias falsas com objetivo eleitoral. Todavia, a penalidade só será aplicada quando comprovado que o acusado sabia da inocência do indivíduo prejudicado pela disseminação da notícia falsa (GONDIM, 2019).

Allcott e Gentzkow (2017, p. 213 *apud* BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3324) atentam para o fato de que, desde o início da era da informação, com o aprimoramento da televisão e do rádio como principais meios de comunicação, muitos intelectuais se preocuparam com a redução dos debates políticos e com a concentração do poder nas mãos dos poucos que dominam esses meios. Porém, esses intelectuais foram alvo de desconfiança e de duras críticas.

A modernização e o surgimento de novos meios de comunicação acabaram por gerar novas preocupações, mediante o crescimento das notícias *online* e de suas formas de propagação. Uma das necessidades geradas foi a de se ter ferramentas que possam auxiliar e facilitar a detecção da veracidade das informações presentes na *web*.

Neste sentido, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (International Federation of Library Associations and Institutions - IFLA) elaborou, com base no artigo publicado pela organização FactChek.org, em 2016, um infográfico para ajudar as bibliotecas no combate às *fake news*, demonstrando como identificar conteúdo falso através de oito etapas simples. O mesmo se encontra disponível em 42 idiomas diferentes no site da IFLA (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2019).

As etapas para a identificação de *fake news* apresentadas no infográfico, e representadas na Figura 2, são: considere a fonte; verifique o autor; verifique a data; é preconceito?; leia mais; fontes de apoio; isso é uma piada e consulte especialistas. Com base nessas etapas é possível verificar a autenticidade das informações e evitar a disseminação de *fake news* nas mídias sociais, já que o infográfico ressalta a importância de se buscar a informação de forma correta, conferir os dados e o período da publicação, verificar a credibilidade das fontes e da autoria e, a partir

disso, auxiliar na diminuição do processo de desinformação e de divulgação de notícias falsas na internet.

Figura 2 – Como identificar notícias falsas



Fonte: International Federation of Library Associations and Institutions. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/node/11174>. Acesso em: 10 jun. 2019.

O grande sucesso da ferramenta foi atribuído aos bibliotecários que ousaram na criatividade ao fazer seu uso para atender as suas necessidades locais. No México, por exemplo, o Instituto de Bibliotecas e Pesquisa utilizou o infográfico em um seminário sobre uso ético da informação e promoveu debates com base nessa temática. Na Malásia, para chamar a atenção dos usuários, as bibliotecas públicas colocaram a imagem do infográfico próxima aos computadores. Várias bibliotecas de outros países também fizeram uso desse material (MENEZHINI, 2018).

Contudo, o principal uso do infográfico foi na produção de artigos sobre uso da informação, nas áreas de Ciência da Informação e de Comunicação. A primeira “[...] estuda a informação como processo e construção, indica o canal mais adequado para melhor ofertar a informação ao usuário e tem como natureza principal o conteúdo”. Já a segunda, “[...] interpreta a informação como um processo

de troca de mensagens entre o emissor e o receptor, que deve ser rapidamente transmitida e que ainda não possua conhecimento público.” (BAZI, 2007, p. 3).

Outra forma de detectar conteúdo falso é realizar a análise de características textuais, pois, ao elaborar textos com conteúdo enganoso, o autor pode deixar marcas linguísticas involuntariamente, podendo gerar desconfiança da autenticidade do texto. Esse tipo de análise pode ser efetuada automaticamente, utilizando-se técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), uma subárea da inteligência artificial que estuda o processamento automático de linguagens faladas e escritas. O site FakeCheck é uma das ferramentas que permite esse tipo de verificação (MONTEIRO, 2018).

O site (FIGURA 3) é a demonstração dos resultados obtidos no projeto Detecção Automática de Notícias Falsas para o Português, que tem como objetivo estudar métodos para a detecção automática de notícias falsas utilizando PLN e Aprendizado de Máquina (AM). O projeto foi desenvolvido no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo, no campus São Carlos, e financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (MONTEIRO; SANTOS; PARDO, c2018).

Figura 3 – Página do site detector de *fake news*

FakeCheck Detector Sobre o Projeto

Detector de Fake News

Como funciona?

Copie o texto de uma notícia, cole na caixa abaixo e clique em "Enviar". O sistema irá processar o texto para identificar características de escrita, como palavras usadas ou classes gramaticais mais frequentes, e utilizar essas características em um modelo de aprendizado de máquina que classificará a notícia em verdadeira ou falsa. Para mais informações sobre como o sistema funciona e sua taxa de acerto, clique [aqui](#). Você também pode utilizar o nosso [bot do WhatsApp](#).

ATENÇÃO: Utilize o texto completo da notícia! O texto deve ter pelo menos 100 palavras. O sistema pode não funcionar corretamente com apenas partes de notícias.

Insira o texto da sua notícia aqui:

Notícia

Modelo de Detecção

Palavras do Texto

Classes Gramaticais

ENVIAR ➔

Financiamento e Apoio





Fonte: FakeCheck. Disponível em: <http://nilc-fakenews.herokuapp.com/about>. Acesso em: 11 set. 2019.

O *layout* do site é simples e de fácil navegação, possuindo somente duas abas, Detector e Sobre o projeto. Na aba Detector há uma explicação breve sobre como o sistema aplica métodos para extrair seus atributos linguísticos utilizando um modelo de AM para classificar a notícia como verdadeira ou falsa. Para efetuar uma verificação o texto deve ser inserido no campo ‘Insira o texto da sua notícia aqui’ e conter no mínimo 100 palavras. Em seguida, deve-se selecionar uma das opções ‘palavras do texto ou classes gramaticais’ do ‘Modelo de detecção’ e, por fim, clicar em ‘Enviar’ para verificação e para obter o retorno se a notícia é verdadeira ou não.

Com o aumento do fluxo informacional e a falta de checagem das informações antes do compartilhamento, houve o consequente aumento da circulação de notícias falsas na internet. Com base nesse contexto, as expressões *fake news*, *post-truth* e desinformação se popularizaram, e “[...] [têm] posto em xeque a veracidade e fidedignidade das informações dispostas na *web*, que acabam sendo combustíveis para elaboração de opiniões e pensamentos baseados em fatos não verídicos.” (LEITE; MATOS, 2017, p. 2336 *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 4).

A concepção de *post-truth*, traduzida para o português como pós-verdade, é conhecida desde a década de 1990, contudo, somente em 2016 o termo ganhou

maior atenção, após ser escolhida pelo Oxford Dictionaries como a palavra do ano (FLORES, 2017, p. 23). O mesmo conceitua pós-verdade como “[...] um adjetivo definido como relacionado ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal.” (WORD..., [2016], tradução nossa).

Para o Dicionário Priberam (2017 *apud* CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 199) a palavra pós-verdade “[...] dirige-se aos eventos em que a opinião pública e os comportamentos são orientados mais pelos apelos emocionais, falaciosos ou subjetivos, afirmados pelas suas convicções pessoais avulsas, do que em fatos verídicos e atestados”. Desse modo, subentende-se pós-verdade como a banalização da verdade no processo de formação de opinião, quando o indivíduo leva em consideração a suas crenças pessoais e apegos emocionais e desconsidera os fatos e comprovações reais.

Os termos *fake news* e pós-verdade estão intimamente ligados. Para Sousa (2017, p. 2394), “[...] as notícias falsas fazem apelo às emoções e às crenças coletivas e individuais”. Apesar dessa ligação e da aproximação dos conceitos, a diferença entre eles é nítida. As *fake news* são fatos inverídicos, normalmente apresentados em formato de notícia, compartilhados principalmente através das redes sociais, com o objetivo de enganar visando favorecer algo ou alguém. Seu objetivo pode variar de acordo com o seu contexto. Já a pós-verdade leva em consideração aspectos emocionais e as crenças individuais, desconsiderando dados factuais e o que é certo e errado.

Segundo Castilho (2016), a pós-verdade é “[...] um fenômeno que já começou a mudar nossos comportamentos e valores em relação aos conceitos tradicionais de verdade, mentira, honestidade e desonestidade, credibilidade e dúvida”, pois a sociedade está permeada por mentiras. Este fenômeno tem a intenção de desorientar o indivíduo durante o seu processo de formulação de conhecimento e de formação de opinião, com base em notícias falsas, tornando o indivíduo desinformando no meio de tanta informação.

Relacionando os três termos – *fake news*, pós-verdade e desinformação, pode-se perceber que, devido à grande quantidade de informação disponível através das redes sociais e em outros meios de comunicação, existem indivíduos que têm tendência de filtrar as informações de acordo com o que tem vontade de acreditar.

Ou seja, ele filtra informações que reforcem seu modo de pensar preexistente, que julga estar certo, e não de acordo com o certo e o errado baseado em fatos. Para que o indivíduo não dê continuidade a um ciclo de desinformação, ele deve ser crítico com as informações que acessa e, assim, evitar possíveis transtornos, pois sua opinião e seu conhecimento serão formados através dela (MARTINO, 2018).

Para Francisco (2004) a sociedade atual é a da desinformação, pois,

[...] [mesmo] que esteja armada por um poderoso arsenal de tecnologias de informação, uma sociedade que produz uma legião de analfabetos funcionais é uma sociedade da desinformação [...] as tecnologias da informação precisariam agregar valores éticos, educacionais, sociais, humanistas, culturais, artísticos e espirituais. (FRANCISCO, 2004).

O indivíduo, ao fazer o uso desse arsenal tecnológico para atender as suas necessidades informacionais, deve aplicar seu senso crítico contra o senso comum, pois a desinformação é uma informação, porém, é uma informação falsa que tem a função de enganar e que pode causar danos significativos para o indivíduo e para a sociedade (FALLIS, 2015). Neste sentido, é preciso conhecer e ter acesso a fontes de informações confiáveis.

2.2.1 Fontes de informação confiáveis

A busca por informação para responder dúvidas diárias é constante. Para obter a resposta o indivíduo faz uso das mais variadas fontes e recursos de informação disponíveis, buscando atender a sua necessidade informacional imediata. A internet ampliou e facilitou o acesso a uma infinita variedade de fontes informacionais, que se tornaram grandes ferramentas políticas e sociais. “Diante disso, pode-se afirmar que o bibliotecário é o responsável por auxiliar o usuário na seleção de fontes de informação que melhor atendam suas necessidades.” (ARAUJO; FACHIN, 2015, p. 93).

A palavra informação vem do latim *informatio*, podendo ser utilizada em dois contextos básicos: ato de moldar a mente e ato de comunicar o conhecimento (ALVES; SANTOS, 2018, p. 36). Buckland (1991 *apud* BAZI, 2007, p. 4), no entanto, sugere três usos para a palavra:

a) informação como processo: corresponde ao ato de informar; quando alguém é informado, o que se sabe é modificado; b) Informação como conhecimento: corresponde ao conhecimento comunicado a respeito de algo; denota aquilo que é percebido em informação como processo; e, c) Informação como coisa: é usada para designar objetos, bem como dados e documentos, porque são considerados informativos. (BUCKLAND, 1991 *apud* BAZI, 2007, p. 4).

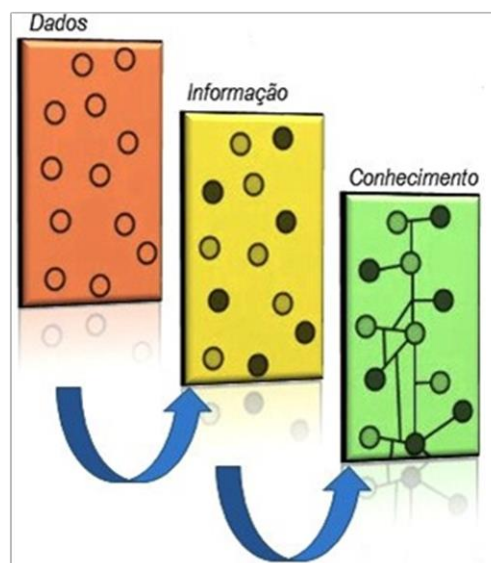
Para Le Coadic (1996 *apud* BAZI, 2007):

[...] informação é o produto do processo de comunicação, 'um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual'. Ainda sob o manto conceitual do autor, a informação é um significado transmitido aos indivíduos 'por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal [...]', através de um sistema de signos, significante e significado. (LE COADIC, 1996, p. 5 *apud* BAZI, 2007, p. 6).

Desse modo, entende-se informação como um conjunto de dados que, inter-relacionados, produzem conhecimentos que reduzem incertezas, auxilia em tomadas de decisão, na resolução de problemas e colabora para aprofundar o conhecimento sobre algum assunto. Assim, o uso de fontes de informações confiáveis é primordial, pois quando a informação é devidamente assimilada gera conhecimento para o sujeito.

O processo de criação do conhecimento está relacionado aos conceitos de: dados, informação e conhecimento, que, quando organizados em ordem sequencial, estabelecem relações de sentido para a formação do pensamento (FIGURA 4).

Figura 4 – Dados, informação e conhecimento



Fonte: Adaptado de InforSisTec: Sistemas e Tecnologias da Informação ([2016]). Disponível em:

<http://www.inforsistec.com/437395374?i=144219639>. Acesso em: 17 set. 2019.

Rezende e Abreu (2003, p. 60) entendem a relação entre os conceitos da seguinte forma: dado como um elemento da informação, que não possui significado quando isolado. Informação como “[...] todo o dado trabalhado, útil, tratado, com valor significativo atribuído ou agregado a ele, e com um sentido natural e lógico para quem usa a informação”. Quando ‘trabalhada’ por pessoas e/ou pelos recursos computacionais a informação é transformada em conhecimento com valor relevante e propósito definido.

Alves e Santos (2018) corroboram as ideias de Rezende e Abreu (2003) ao entenderem o dado como uma unidade básica de informação não processada, representada por símbolos escritos pela mão do homem ou pela máquina, não possuindo significado intrínseco isoladamente. Informação é entendida por eles como um conjunto de dados que constitui uma mensagem, que será transmitida através de um documento ou por algum tipo de comunicação, passível de interpretação e de sentido. A informação surge como conhecimento após ser interpretada e combinada com a experiência e capacidade humana. Logo, conhecimento é o estado organizado da informação (ALVES; SANTOS, 2018).

A partir do momento em que a informação passou a ser vista como “[...] fator de impacto social, produtivo, econômico, político, cultural, psicológico e pessoal no mundo contemporâneo” (ALVES; SANTOS, 2018, p. 36), tornou-se necessário compreender a importância das fontes e dos recursos de informação utilizados para responder as necessidades de informação. Bem como as mudanças na forma de produção e distribuição propiciadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC’s).

Segundo Katz (2002 *apud* ALVES; SANTOS, 2018, p. 38), “[...] uma fonte de informação é qualquer obra que se usa para responder a uma pergunta, uma explicação demasiado abrangente”. Com base no estudo realizado pelo Online Dictionary of Library and Information Science About the Dictionary, publicado em 2002, Alves e Santos (2018) definem fonte de informação como:

[...] qualquer documento que forneça informações solicitadas por um escritor, investigador, usuário de biblioteca ou pessoa que esteja pesquisando num catálogo online ou num banco de dados bibliográficos. Também se refere a um documento que fornece informações copiadas ou

reproduzidas em outro documento, por exemplo, uma citação ou um trecho. (ALVES; SANTOS, 2018, p. 38).

Em conformidade com os autores citados, Rodrigues e Blattmann (2014) dizem que fonte de informação é tudo aquilo que

[...] gera ou veicula informação. Pode ser descrita como qualquer meio que responda a uma necessidade de informação por parte de quem necessita, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, meios digitais, *sites e portais*. (RODRIGUES; BLATTMANN, 2014, p. 10, grifo do autor).

Grogan (1970 *apud* CUNHA, 2001) classifica da seguinte forma as fontes de informação, de acordo com objeto e os objetivos da investigação:

a) documentos primários: contêm, principalmente, novas informações ou novas interpretações de ideias e/ou fatos acontecidos; alguns podem ter o aspecto de registro de observações (como, por exemplo, os relatórios de expedições científicas) ou podem ser descritivos (como a literatura comercial); **b) documentos secundários:** contêm informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo; são, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles; **c) documentos terciários:** têm como função principal ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, sendo que, na maioria, não trazem nenhum conhecimento ou assunto como um todo, isto é, são sinalizadores de localização ou indicadores sobre os documentos primários ou secundários, além de informação factual. (GROGAN, 1970, p. 14-15 *apud* CUNHA, 2001, p. 9, grifo nosso).

Sendo que a necessidade pela informação é que irá determinar as fontes e os recursos que serão consultados na busca por repostas; a informação poderá ser selecionada de formas e em meios diferentes, pois o desenvolvimento tecnológico possibilita o uso de suportes físicos e digitais. Vale ressaltar que, independente do suporte, das classificações e tipologias das fontes de informação, o uso dos dados e da informação obtida deve ser feito eticamente.

As fontes informacionais são instrumentos de informação que inicialmente eram vinculados a documentos em formato impresso, utilizadas, sobretudo, no serviço de referência de bibliotecas e centros de documentação para atender as necessidades de informação dos usuários. Com a evolução das TIC's, as fontes e os recursos informacionais digitais passaram a ser atualizados constantemente, o que propiciou uma grande transformação na produção, na publicação, na distribuição e no acesso ao conhecimento. Para Merlo (2007 *apud* ALVES; SANTOS, 2018, p. 40),

“[...] o crescimento da *web* e sua própria evolução transformaram-na numa das fontes mais importantes [...] [de informação]”. Portanto, fonte de informação é o que contém informação que possa ser comunicada a fim de atender a uma demanda informacional, independente do suporte (impresso, eletrônico e outros) ao qual está associada.

Como consequência das transformações nos suportes e instrumentos de escrita e comunicação, o melhoramento nas fontes de informação existentes tem sido contínuo. O que tem facilitado a disseminação da informação para qualquer lugar do mundo sem a necessidade de considerar o local que a informação está armazenada, tornando possível o acesso remoto a fontes diversas disponíveis na *web* por meio de aparelhos digitais. Contudo, “[...] a biblioteca ainda é o local que melhor pode orientar e propiciar acesso aos recursos confiáveis e de qualidade para o usuário, dispondo de profissionais preparados para atender as necessidades específicas de cada um.” (ARAUJO; FACHIN, 2015, p. 91).

O acesso à informação via *web* é aparentemente simples de ser realizado. Os sistemas são interativos, intuitivos e de fácil utilização (ARAUJO; FACHIN, 2015, p. 93). Basta inserir, no campo de pesquisa, o termo referente ao que se deseja saber e o buscador retornará com milhares de resultados. Essa grande quantidade de resultados torna difícil saber qual fonte deve utilizada e qual informação deve ser selecionada. O ideal é que o usuário tenha o auxílio de um profissional da informação para apoiar nesta seleção. Profissional este que deve estar em constante atualização e aperfeiçoamento mediante as novas tecnologias, produtos e serviços prestados pela a instituição na qual está inserido para o que atendimento prestado ao usuário seja eficiente e de qualidade. Desta forma, o bibliotecário pode “[...] não perder espaços e conquistar novos, atuando como agente de mudança e provedor da informação.” (RODRIGUES; CRESPO, 2006, p. 2).

Os profissionais da informação, para além das funções de organização do espaço e dos acervos da unidade de informação, devem estar aptos para “[...] localizar e gerar diretórios, índices e resumos, repositórios de documentos, bibliotecas eletrônicas, revistas eletrônicas, bancos de dados, catálogos, portais, listas de distribuição e outros sistemas de transferência de mensagens e monografias” (ALVES; SANTOS, 2018, p. 40). Porém, essas mudanças não foram as únicas provocadas pelos avanços da tecnologia, o bibliotecário também deve

contribuir para o “[...] desenvolvimento industrial, social, econômico, cultural, científico e tecnológico” da sociedade, consideram Rodrigues e Crespo (2006, p. 3).

A aparente facilidade ao acesso à informação via *web* destaca outra importante nova função do bibliotecário: a de identificação e desmistificação das *fake news* provenientes do crescente aumento da quantidade de informação disponível. Neste sentido, uma das atribuições do profissional é capacitar os usuários para reconhecer notícias falsas e garantir o uso de informações verídicas, que preferencialmente sejam produzidas pela comunidade científica e retiradas de fontes de informação confiáveis.

É importante destacar ainda que:

As fontes e os recursos de informação necessitam de uma análise crítica do usuário, porque trazem abordagem e contexto dos seus criadores. Nesse sentido, podem não ser pertinentes e oportunas aos interesses do usuário, quer nesse momento ou nesse contexto, correndo-se o risco de se usar informação e conhecimento inadequados e inúteis. Por outro lado, podem ter interesses de manipulação cultural, ideológica ou comercial, a maioria das vezes de difícil identificação em leituras efetuadas por usuários com um número limitado de competências. (ALVES; SANTOS, 2018, p. 45).

Nesse sentido, fica evidente que, para gerar conhecimento, o indivíduo deve ter senso crítico ao selecionar a informação nas variadas fontes de informações consultadas; e o bibliotecário é o profissional mais capacitado para guiá-lo nessa busca por fontes e informações confiáveis.

2.2.2 Bibliotecário: mediador da informação

A visão sobre o profissional bibliotecário tem mudado constantemente desde o surgimento da profissão, pois também ocorreram diversas mudanças relacionadas à sua função. Para o site de ‘humor debochado’ denominado Desciclopédia, o bibliotecário é definido como ‘O silenciador’, aquele que tem a função de “[...] passar o dia todo pedindo silêncio e arrumando livros” (BIBLIOTECÁRIO, 2013). Infelizmente, esta visão, apesar de humorística, ainda é o ponto de vista de muitos em pleno século XXI no que se refere a este profissional. “A aparente facilidade ao acesso da informação difundida pela *internet*, por exemplo, acabou por contribuir para que as opiniões do senso comum sobre a importância desse profissional

distanciem-se cada vez mais da realidade.” (SALCEDO; SILVA, 2017, p. 23). O que torna a existência e a atuação do bibliotecário ainda mais importante.

A necessidade de registrar e armazenar o conhecimento sempre esteve presente na humanidade e ao bibliotecário foi dada a missão de realizar os procedimentos de organização, preservação e disseminação do conhecimento registrado. Entretanto, essas atribuições têm se modificado e sido adequadas aos avanços tecnológicos, expandindo sua função para além das fronteiras da biblioteca, porém sempre permanecendo ligadas à informação (SALCEDO; SILVA, 2017).

As diversas inovações na área da tecnologia da informação e comunicação têm propiciado, ao cidadão do século XXI, uma maior conexão por meios dos aparelhos tecnológicos – tais como *smartphones*, televisores, *tablets*, *notebooks*, computadores – que se tornaram essenciais às práticas diárias. Essas conexões através dos meios virtuais permitem a troca e o repasse de informações, opiniões, notícias e outros. Desse modo, o indivíduo se envolve em uma ‘grande teia de conversação’, intensificando o fluxo de informação que perpassa pela internet. O crescente aumento de informações e a facilidade de acesso têm tornado a “[...] linha que separa uma pessoa bem informada de uma desinformada ou mal informada cada vez mais tênue”, observam Corrêa e Custódio (2018, p. 198). Estes autores afirmam que, no atual contexto de viralização de *fake news*, pós-verdade e desinformação na internet,

[É] [...] urgente [a] necessidade de desenvolver habilidades para o acesso e uso da informação a fim de distinguir verdadeiras e falsas, bem como adquirir uma maior consciência social em relação à responsabilidade cidadã de replicar informações verídicas advindas de fontes consideradas fidedignas. (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 199).

Devido a esse contexto, e diante da inabilidade de algumas pessoas em se apropriar de forma consciente e crítica do que lê, há uma crescente preocupação dos profissionais ligados à informação – aqui incluídos os bibliotecários, em coibir a disseminação de *fake news* e de opiniões emitidas com base em pós-verdade, acarretando na desinformação. Sendo assim, esses profissionais vêm realizando ações que objetivam auxiliar na distinção de notícias falsas das verdadeiras (conforme apresentado anteriormente) e têm retomado os debates sobre a missão do bibliotecário diante do quadro informacional contemporâneo.

O intelectual espanhol José Ortega y Gasset, em 1935, discursou, na abertura do Congresso Internacional de Bibliotecários, realizado em Madri, sobre a missão do bibliotecário. Sua fala foi publicada em português somente no ano de 2006, em forma de livro pela editora Briquet de Lemos Livros. Sua fala registra momentos históricos na missão desse profissional.

Em seu discurso Ortega y Gasset (2006, p. 9) diz que: “[...] houve épocas que não havia bibliotecários, embora já havia livros – sem falar daquelas eras muito mais longínquas em que não havia bibliotecários porque nem sequer havia livros”. Com esta frase o autor demonstra que já havia pessoas que se identificavam com o ofício de bibliotecário de ordenar, catalogar e cuidar dos livros, todavia, isso era visto somente como uma particularidade individual. A habilidade começou a ser considerada como profissão ou carreira quando passou a ser vista pela sociedade como necessidade. O que ocorreu no início do Renascimento, antes da existência do livro impresso.

No Renascimento a quantidade de livros era ínfima e o bibliotecário tinha a função de procurador, pois o homem sempre esteve em busca de conhecimento, mesmo depois de chegar à conclusão de que é impossível realizar a leitura de todos os livros existentes. Foi também nesse período que o livro começou a ser visto pela sociedade como um item necessário, deixando de ser restrito aos mosteiros e às universidades, onde eram utilizados somente para as práticas de ensino. A partir disso, houve a necessidade do aumento da sua produção, que, por sua vez, foi propiciada pelo surgimento da imprensa no século XV.

A nova tecnologia barateou o custo da produção, que não mais dependia da reprodução feita pelos monges copistas, levando ao aumento significativo da quantidade de livros, bibliotecas e bibliotecários. Conseqüentemente, veio a necessidade de catalogação desse material quanto à sua materialidade e, na seqüência, a de promover a leitura e buscar leitores. O livro se tornou essencial e a principal ferramenta na disponibilização de informação. Esse aumento de produção levou a uma explosão bibliográfica no período (CARVALHO; REIS, 2007).

Em seu discurso Ortega y Gasset (2006) ainda afirma que não há somente o lado positivo no aumento da produção literária, deixando evidente sua preocupação com a produção desenfreada de livros.

[...] existem livros em demasia, como também são produzidas de modo constante e em abundância torrencial. Muitos deles são inúteis ou estúpidos, e sua existência e conservação constituem um lastro a mais para a humanidade, que já anda excessivamente curvada com o peso de outras cargas. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 43).

Diante desse fato, pode-se considerar que José Ortega y Gasset também antecipava o futuro do bibliotecário ao se referir a esse profissional como uma forma de filtro/mediador, como se vê neste trecho da obra de Carvalho e Reis (2007):

A visão de Ortega expõe como centralidade a função do profissional da informação, bibliotecário, como filtro, ou seja, como mediador entre a informação e o usuário; esse profissional no exercício da sua atividade deve dar ênfase à cidadania que se reflete na competência técnica e administrativa e como mediador, tem função necessária no que tange à informação selecionada, organizada e em linguagem acessível, visando o acesso à informação com o foco o usuário, razão da sua existência profissional. (CARVALHO; REIS, 2007, p. 40).

Segundo Carvalho e Reis (2007, p. 40), para José Ortega y Gasset,

[...] o desígnio do bibliotecário é ser o guardião da necessidade social de ter acesso ao livro e nesse sentido, o bibliotecário conquista o seu valor ao proporcionar ao leitor o acesso ao conhecimento, como o auxílio para a tomada de decisão e, como educador porque, investe na educação do leitor, com a finalidade de torná-lo cada vez mais independentes, em busca da autonomia no acesso à informação. (CARVALHO; REIS, 2007, p. 40).

Apesar de o discurso ter sido realizado em 1935, o pensamento de José Ortega y Gasset é moderno e se encaixa no contexto atual, onde há informação em excesso e poucos filtros efetivos para a obtenção de informações verídicas.

Seguindo o pensamento de José Ortega y Gasset e observando os problemas decorrentes das leituras superficiais – com ausência de criticidade e urgência no compartilhamento de informações a partir das mídias sociais –, nota-se a existência de um ambiente digital repleto de notícias falsas que, combinadas com o extremo relativismo referente à interpretação dos fatos, dão origem ao fenômeno da pós-verdade e, conseqüentemente, à desinformação. Desta forma, os problemas citados se tornaram um dos principais desafios para os bibliotecários da atualidade, que devem ser formados para capacitar seus usuários na busca pela informação (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018). O bibliotecário deve atuar, então, como disseminador, mas também, e principalmente, como mediador da informação para garantir que a necessidade informacional do usuário seja satisfeita.

Durante seu processo de formação o futuro bibliotecário adquire conhecimentos relativos ao domínio de métodos e técnicas, por meios de conteúdos aplicados especificamente na formação em Biblioteconomia, além de obter autonomia intelectual advinda do desenvolvimento de habilidades e competências em buscar, acessar, recuperar, compartilhar e se apropriar da informação (SANTOS; DUARTE; LIMA, 2014). O mesmo também deve:

[...] discutir esquematicamente competências específicas que devem ser aplicadas nas atividades dos bibliotecários, são elas: “saber agir com pertinência”, sobre competências para agir em situações profissionais; “saber mobilizar saberes e conhecimentos em um contexto profissional”, sobre a mobilização de conhecimentos teóricos-práticos; “saber integrar ou combinar saberes múltiplos e heterogêneos”; sobre saber utilizar recursos teóricos e técnicos de seu tempo; “saber transpor”, sobre estar apto superar técnicas enraizadas da área; “saber aprender e aprender a aprender”, sobre aprendizagem ao longo da vida profissional; “saber envolver-se”, sobre o profissional compreender que seus conhecimentos não se encerram nos equipamentos e técnicas. (LE BOTERF, 2003, paginação irregular).

E, no exercício da profissão, deve fomentar o desenvolvimento de competência informacional em seus usuários para que eles sejam cidadãos aptos e autossuficientes a lidar com fenômenos informacionais, tais como a desinformação e a circulação de *fake news*. Evidenciando, ainda, a importância do seu papel social perante a sociedade (BRISOLA; BEZERRA, 2018).

Nota-se, então, a essencialidade do papel do bibliotecário e de sua atuação profissional e ética no combate à desinformação. Isso se verifica especialmente nesse mundo de informações caóticas e com acesso facilitado à informação, onde boa parte da população acredita na primeira informação que recebe, sem verificar a fonte. De fato,

Vivemos em uma era de guerra de informações e pós-verdades no qual as tecnologias de informação e comunicação são armas para serem usadas e obterem uma vantagem competitiva em relação a um oponente, enquanto um oponente é alguém com uma visão de mundo antagonista. Quando uma comunidade acredita em algo que, posteriormente é provado falso, continuar acreditando mesmo diante de evidências, é algo muito comum que desafia a racionalidade. Observa-se, assim, que as pessoas respondem muito mais ao emocional. (VALENTIM, 2018, p. 11).

Essa resposta emocional à informação recebida é algo que deve ser combatida pelo bibliotecário em todas as instâncias de sua atuação. Para tanto, é crucial que a relação com o compromisso ético da disseminação da informação

confiável surja ainda na graduação em Biblioteconomia, conforme apontado por Valentim (2018), garantindo, assim, a atuação no combate ao fenômeno da desinformação. Nesse sentido, é primordial que o bibliotecário utilize todas as ferramentas a seu alcance para minimizar a distribuição de *fake news* e, conseqüentemente, a desinformação. Uma delas é o letramento informacional.

2.2.3 Letramento informacional no combate à desinformação

O homem sempre teve a necessidade de buscar por respostas, diante de conflitos ou desequilíbrios de qualquer natureza para a resolução dos seus problemas, tornando essa atividade como algo inerente a ele. Todavia, atualmente, em meio a tanta informação, é fundamental que as pessoas sejam capazes de encontrá-las e usá-las (GASQUE; TESCAROLO, 2010). Portanto, o processo de letramento informacional pretende capacitar o indivíduo para a busca da informação.

A expressão 'letramento informacional' é definida por Teixeira e Santos (2016) como:

[...] processo investigativo, que propicia o aprendizado ativo, independente e contextualizado; o pensamento reflexivo e o aprender a aprender ao longo da vida. Assim, o letramento Informacional pode ser entendido como processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências para buscar e usar informação na resolução de problemas ou tomada de decisões. (TEIXEIRA; SANTOS, 2016, p. 2).

Segundo Gasque e Tescarolo (2010), foi no ano 1974 que a expressão *information literacy* apareceu pela primeira vez, no relatório do bibliotecário norte-americano Paul Zurkowski, intitulado *The information service environment relationships and priorities* (As relações e prioridades do ambiente de serviço de informação), onde recomenda a utilização do letramento informacional para atribuir as habilidades ligadas ao uso de informação eletrônica (BEZERRA, 2015).

A tradução da expressão *information literacy* para a língua portuguesa tem gerado diversas controvérsias, de modo que não há um consenso entre os pesquisadores e estudantes da Ciência da Informação, da Biblioteconomia e da Educação para sua tradução. Desta forma, na literatura se tem usado as expressões: competência em informação, competência informacional, letramento

informacional, alfabetização informacional e literacia (mais comum em Portugal) como sendo sinônimos (BEZERRA, 2015; VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 131).

Gasque (2013) afirma que, apesar de inter-relacionados, existem diferenças entre os conceitos de alfabetização informacional, letramento informacional e competência informacional. A autora define alfabetização informacional como:

[...] primeira etapa do letramento informacional, isto é, abrange os contatos iniciais com as ferramentas, produtos e serviços informacionais. Nessa etapa, o indivíduo desenvolve noções, por exemplo, sobre a organização de dicionários e enciclopédias, de como as obras são produzidas, da organização da biblioteca e dos significados do número de chamada, classificação, índice, sumário, autoria, bem como o domínio das funções básicas do computador – uso do teclado, habilidade motora para usar o mouse, dentre outros [...]. O ideal é que a alfabetização informacional se inicie na educação infantil. (GASQUE, 2013, p. 5).

A definição para letramento informacional apontada pela autora é a de:

Processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências para buscar e usar a informação na resolução de problemas ou tomada de decisões. O letramento informacional é um processo investigativo, que propicia o aprendizado ativo, independente e contextualizado; o pensamento reflexivo e o aprender a aprender ao longo da vida. Pessoas letradas têm capacidade de tomar melhores decisões por saberem selecionar e avaliar as informações e transformá-las em conhecimento aplicável. (GASQUE, 2013, p. 5).

Ambos os conceitos se encontram direcionados para a vertente educacional da Biblioteconomia. De forma que fica evidente, na aplicação prática dos conceitos mencionados, a melhora dos estudantes no desempenho da leitura, da escrita, na aprendizagem, na resolução de problemas, no uso da informação e das tecnologias de comunicação quando existe parceria entre bibliotecários e professores (GASQUE, 2010). Em consequência, essa melhora do estudante, quando aplicada no contexto educacional, acaba por desenvolver a competência informacional.

A competência em informação, considerada como um processo que tem por finalidade desenvolver competências e habilidades informacionais para aprimorar o pensamento crítico e analítico das pessoas em relação ao universo informacional, pode ser implementada e desenvolvida em bibliotecas por meio de programas com o apoio de mediadores - bibliotecários e professores. Por ser um processo que envolve o desenvolvimento e aprimoramento de atitudes relativas à busca, recuperação, avaliação e disseminação da informação, a mediação da informação é inerente à competência em informação, já que é uma ação de interferência. (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 61).

Os conceitos apresentados não necessariamente precisam estar diretamente ligados à educação e podem ser vistos como uma somatória em que: alfabetização informacional + letramento informacional = competência informacional. Ou ainda como etapas consecutivas de um processo de aprendizagem “[...] para localizar, selecionar, acessar, organizar e gerar conhecimento.” (GASQUE; TESCAROLO, 2010, p. 44).

Para Santos (2014, p. 366), o papel do bibliotecário é o de capacitar esse usuário no uso competente da informação disponibilizada nos acervos físicos e virtuais, independentemente do tipo de unidade de informação em que está inserido. Pois onde quer que esteja atuando, ele permanece sendo um mediador da informação, que deve auxiliar e garantir que o comportamento adotado por seu usuário na busca pela informação seja feito a partir do acesso a fontes confiáveis. Resultando, enfim, na redução e coibição da desinformação, bem como também na não proliferação de *fake news* e de opiniões baseadas em pós-verdade.

2.3 COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

A necessidade informacional sobrevém da existência de certas lacunas que provocam descontinuidade na formulação do conhecimento humano. Estas necessidades não são constantes e podem ser influenciadas por vários fatores, tais como: demográficos, contexto da situação, grau de importância, grau de urgência, grau de complexidade, entre outros (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007). Para Cooper (1971, p. 22 *apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007) a necessidade informacional é um estado psicológico que não pode ser observado diretamente, por não haver uma ‘estrutura’, mas que existe na mente do usuário.

Em contrapartida, Derr (1983, p. 27 *apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 119) declara que a necessidade informacional não é um estado psicológico, é uma condição objetiva: “É a relação que existe entre a informação e a finalidade dessa informação para o indivíduo”. O que ocorre quando a informação será utilizada para atender a um propósito ou motivo autêntico.

Essa necessidade, quando percebida pelo indivíduo, suscita a busca pela informação em variadas fontes. Contudo, nem toda informação que atende a essa

necessidade é proveniente de uma fonte confiável. Uma vez que “[...] a busca informacional consiste na tentativa intencional de encontrar informação como consequência da necessidade de satisfazer um objetivo.” (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121).

Observa-se que:

Uma necessidade pode ser imprevista, mas não muito importante, não requerendo solução imediata; uma outra necessidade inesperada pode ser de grande importância e de extrema urgência. Assim, o nível de complexidade, o grau de importância e urgência e a condição de previsibilidade de uma necessidade podem afetar tanto o comportamento quanto busca desta informação. (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121).

Entretanto, na atual era da informação, o indivíduo quase sempre sente urgência em buscar pelo que necessita saber, mesmo quando isso não será aplicado de forma imediata. A emergência, por sua vez, influencia diretamente no comportamento informacional do indivíduo, que, para obter uma resposta rápida ao seu problema, pode não aprofundar a busca e acabar não verificando a procedência da fonte que está consultando. O que leva, muitas vezes, por exemplo, a se tornar refém dos primeiros *links* disponíveis nos mecanismos de busca.

Na literatura estrangeira sobre Ciência da Informação a expressão em inglês *information behavior* é a mais utilizada para comportamento informacional. Inicialmente estudos referentes a comportamento da informação eram chamados de ‘estudos de uso’, ‘estudos de busca e coleta de informações’ ou ‘estudos de necessidades e usos da informação’ (BATES, 2010, tradução nossa). Foi com base nesses estudos que pesquisadores da área elaboram modelos teóricos de comportamento informacional focando no usuário, na busca e no uso da informação. No Brasil este assunto geralmente é abordado sob o rótulo de ‘estudos de usos e usuários’, incluindo “[...] estudos de necessidades e usos da informação, sempre com a preocupação de identificar e discutir padrões de comportamento informacional nos diferentes campos do saber.” (GASQUE; COSTA, 2003, p. 55).

Considerou-se, para este estudo, comportamento informacional como:

[...] todo comportamento humano relacionado às fontes e canais de informação, incluindo a busca ativa e passiva de informação e o uso da informação. Isso inclui a comunicação pessoal e presencial, assim como a

recepção passiva de informação [...]. (WILSON, 2000 *apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121).

Destarte, comportamento informacional é o “[...] reconhecimento de alguma necessidade de informação sobre determinado assunto que se queira ter conhecimento, dessa forma, o indivíduo realiza vários procedimentos de busca da informação para suprir essa lacuna.” (WILSON, 1999 *apud* PIRES, 2012, p. 292).

Quando essa necessidade é percebida pelo usuário, ele adotará um comportamento informacional para iniciar o processo de busca informacional, que, por sua vez, “[...] consiste na tentativa intencional de encontrar informação como consequência da necessidade de satisfazer um objetivo.” (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121).

Para Leckie, Pettigrew e Sylvain (1996 *apud* MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121), existem dois fatores que influenciam no modo que a busca da informação será realizada:

- **Fontes de informação:** locais onde são procuradas as informações. A depender do profissional e das características da informação que se busca, essas fontes variam, variando também a ordem em que as fontes são consultadas. As fontes mais comumente referidas são colegas, bibliotecas, livros, artigos e a própria experiência. Essas fontes assumem diversos formatos e podem ser acessadas por diferentes canais, tanto os formais quanto os informais. Há fontes externas e internas, orais e escritas, pessoais e coletivas.
- **Conhecimento da informação:** o conhecimento direto ou indireto das fontes, do próprio processo de busca e da informação recuperada desempenham importante papel no sucesso da busca. Algumas variáveis que devem ser consideradas neste sentido são familiaridade ou sucesso em buscas anteriores, confiabilidade e utilidade da informação, apresentação, oportunidade, custo, qualidade e acessibilidade da informação. (LECKIE; PETTIGREW; SYLVAIN, 1996 *apud* MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 1210, grifo nosso).

Entretanto, segundo Wilson e Walsh (1996 *apud* MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007), são oito as variáveis que podem influenciar nesse processo: a) pessoais; b) emocionais; c) educacionais; d) demográficas; e) sociais ou interpessoais; f) de meio ambiente; g) econômicas; h) relativas às fontes (acesso, credibilidade, canais de comunicação). Essas condições ficam mais visíveis quando o próprio interessado efetua a busca da informação pleiteada, pois o contexto da situação influenciará no processo do comportamento informacional praticado, assim como “[...] na percepção da necessidade, na escolha das fontes de informação e na

decisão de efetivamente buscar a informação [...]” (MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121-122). Neste contexto,

O comportamento informacional juntamente com o processo de busca e, conseqüentemente, o uso da informação auferida são temáticas relevantes para pesquisa na área de Biblioteconomia e da Ciência da Informação, por isso é indispensável entender como é feito esse processo de recuperação da informação, tanto o profissional bibliotecário quanto o discente precisam estar aptos a realizar esse procedimento, tanto para angariar conhecimento como para atender à demanda dos usuários no seu ambiente de trabalho, em qualquer unidade de informação que venha a desenvolver suas atividades profissionais. Portanto, um estudo dessa temática abre diferentes possibilidades de percepções de busca, fonte e forma harmoniosa na utilização da informação. (PIRES, 2012, p. 290).

Percebe-se que a busca informacional decorre da demanda informacional de cada um, pois é referente a uma situação específica e subjetiva, ao desejo/necessidade do indivíduo. Ao bibliotecário cabe a tarefa de mediar o acesso à informação e de promover o desenvolvimento da competência informacional nesse usuário. Assim, o usuário filtrará melhor as fontes, acessando as informações, de preferência fidedignas, que possam contribuir para uma formação crítica de opinião e de conhecimento, não se tornando desinformando nem se deixando enganar por *fake news* de fácil acesso.

2.3.1 Os principais modelos de representação do comportamento informacional

Estudos sobre o comportamento informacional são realizados desde a década de 1940 por cientistas da informação, antes mesmo da atribuição do termo. Diversos estudiosos da Ciência da Informação investigaram e elaboraram modelos teóricos para representar o comportamento informacional e explicar como ocorre a busca e o uso da informação a partir da identificação da demanda informacional.

A seguir são apresentadas as “[...] definições [...], que descrevem uma atividade de busca de informação, as causas e conseqüências desta atividade, ou ainda os relacionamentos entre os estágios ou fases no comportamento de busca de informação.” (FURTADO; ALCARÁ, 2015, não paginado) dos principais modelos de comportamento informacional sob o viés do desenvolvimento cognitivo, social e cultural do indivíduo, que foram propostos a partir da década de 1980.

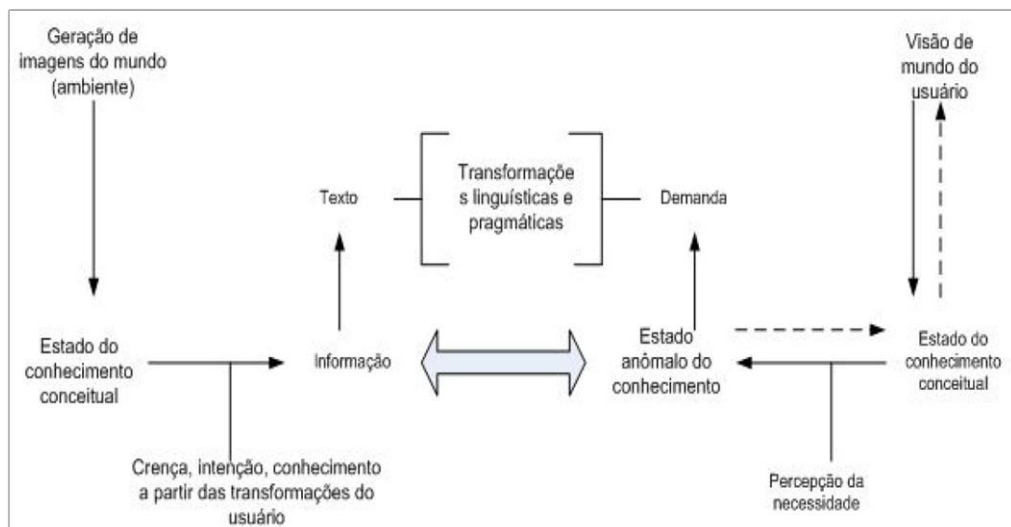
Os modelos apresentados estão em ordem cronológica:

- a) Anomalous State of Knowledge (1980);
- b) De Thomas Wilson (1981 e 1996);
- c) *Sense-making* (1983);
- d) Modelo de Ellis (1989);
- e) Information Search Process (1991).

No modelo Anomalous States of knowledge (ASK), conhecido em português como 'Estado Anômalo do Conhecimento', proposto em 1980 por Nicholas J. Belkin, a busca ocorre quando o sujeito identifica uma necessidade de informação e reconhece a necessidade de buscar novas informações sobre determinado assunto para agregar, gerar ou modificar o conhecimento. Este estado é denominado 'anômalo', pois significa que há *gaps*, ou seja, lacunas de informação, incertezas e incoerências.

Para atingir o propósito de localizar a informação, pronta para ser decodificada, o usuário pode modificar suas estratégias de busca, avaliar/reavaliar as fontes consultadas e estabelecer o fim da busca conforme suas motivações e demandas. Desta forma, o processo de busca pela informação tem início após constatação do problema e finaliza com sua solução, conforme exposto na Figura 5 (ROLIM; CENDÓN, 2013).

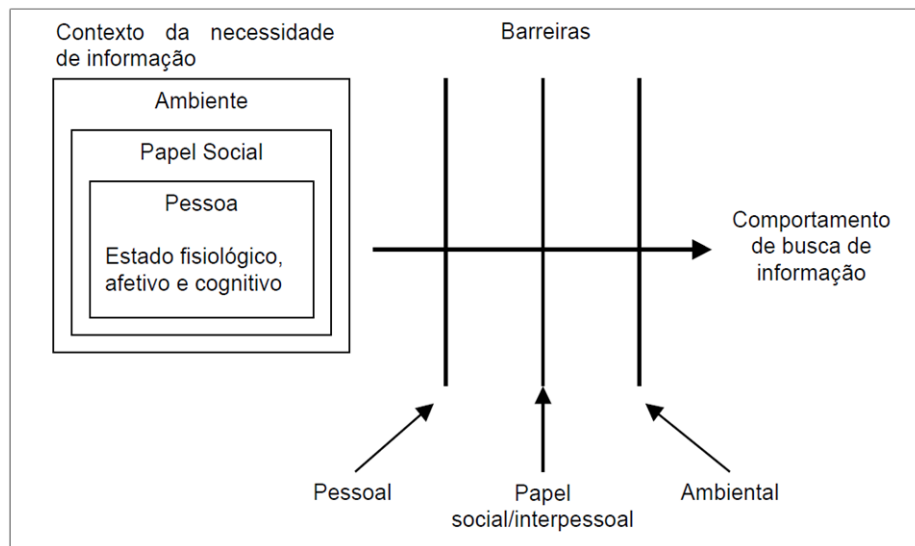
Figura 5 – Modelo Anomalous States of Knowledge



Fonte: Adaptado de Rolim e Cendón (2013, não paginado).

Em 1981 o pesquisador britânico Thomas Daniel Wilson apresentou seu primeiro modelo de comportamento informacional, baseado nas necessidades fisiológicas, cognitivas e afetivas dos indivíduos. Nesse modelo o contexto das necessidades seria configurado pelo próprio indivíduo, pelas demandas de seu papel na sociedade e pelo meio ambiente em que sua vida e seu trabalho se desenvolvem. As barreiras que interferem na busca de informação surgiriam deste mesmo contexto (MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007), conforme se vê na Figura 6.

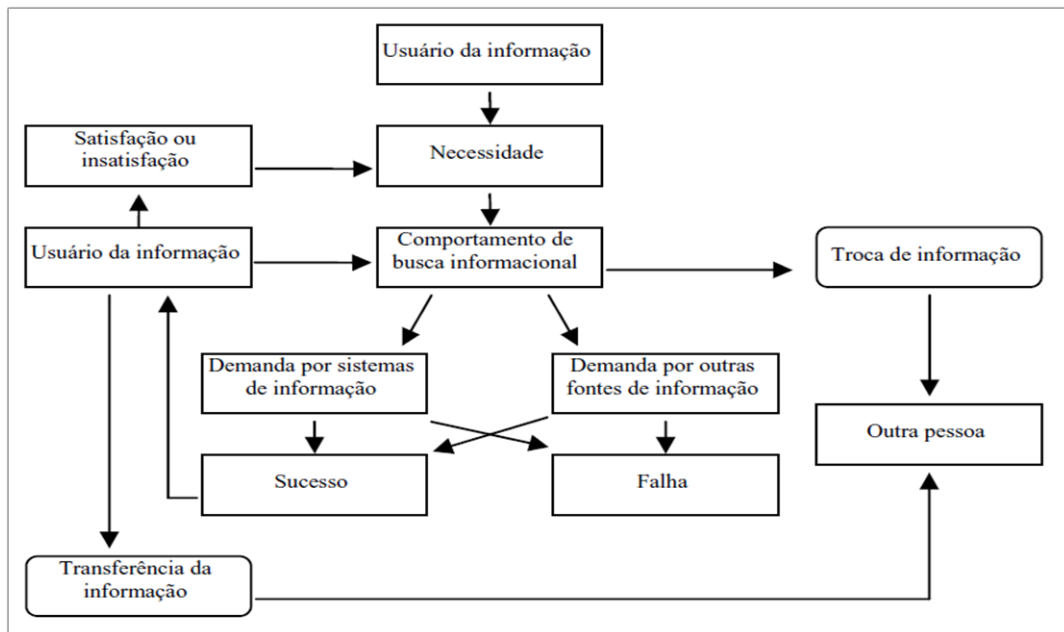
Figura 6 – Modelo de comportamento de busca de informação



Fonte: Adaptado de Garcia (2007, p. 83).

Ele também está focado nos diferentes comportamentos de busca pela informação que o usuário pode adotar para atender sua necessidade informacional após de identificá-la (FURTADO; ALCARÁ, 2015, não paginado; SILVA, 2017). Wilson exemplifica seu modelo através de um diagrama (FIGURA 7), que representa o comportamento informacional atrelado às necessidades percebidas por usuários durante a busca da informação.

Figura 7 – Modelo de comportamento informacional de Wilson

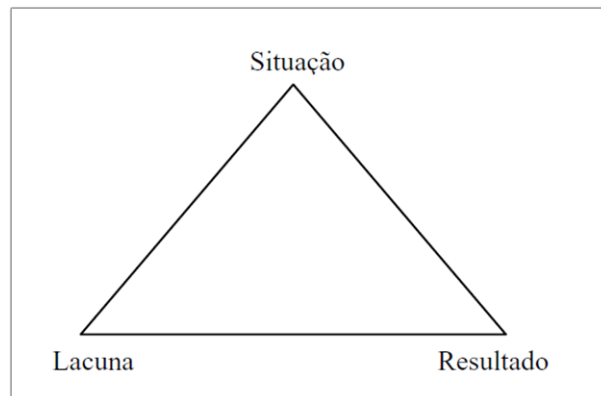


Fonte: Adaptado de Martinez-Silveira e Oddone (2007, p. 123).

Ao considerar as necessidades do indivíduo, o autor sugere três formas de buscar a informação para sanar as dificuldades consideradas básicas do cotidiano:

- a)** buscar informação através de um sistema de informação, onde o usuário recorre a “sistemas formais costumeiramente definidos como sistemas de informação”, por exemplo, uma unidade de informação;
- b)** buscar informação em “sistemas que podem desempenhar funções informacionais como complemento a uma função primária, não informacional”, por exemplo, uma repartição pública ou uma empresa;
- c)** e, “alternativamente, o usuário pode procurar informação de outras pessoas, em detrimento dos sistemas”, isto é, buscar informação de uma fonte pessoal. (WILSON, 2006, p. 660 *apud* IMMIG, 2007, p. 22, tradução nossa).

O modelo *Sense-making*, proposto por Brenda Dervin em 1983 (FIGURA 8), é de natureza cognitiva e não-observável. Ela também entende a necessidade informacional como sendo algo subjetivo, situacional e holístico.

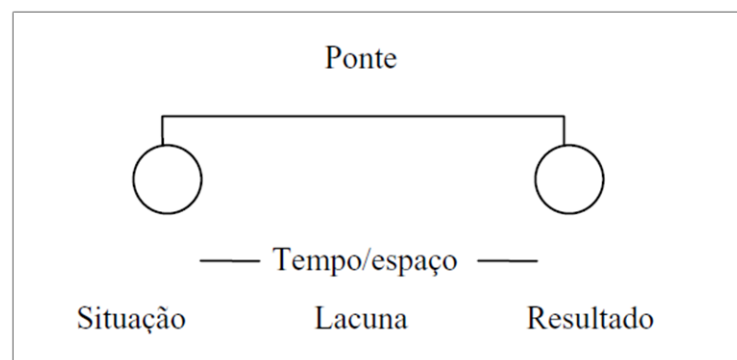
Figura 8 – Modelo *Sense-making*

Fonte: Adaptado de Martinez-Silveira e Oddone (2007, p. 123).

Seu modelo é constituído pelos seguintes elementos:

- a)** a situação, em tempo e espaço, seria o contexto no qual surge o problema informacional;
- b)** a lacuna (gap), que seria a distância entre a situação contextual e a situação desejada (incerteza);
- c)** o resultado, que representa a consequência do processo de *sense-making*; (MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 123).

Desse modo, Brenda Dervin propõe avaliar como a necessidade do usuário surge, desenvolve-se e como é satisfeita através do uso da informação para a ‘construção de sentidos’ do resultado. Para exemplificar seu modelo a autora elaborou a metáfora, disposta na Figura 9.

Figura 9 – Metáfora do modelo do *Sense-making*

Fonte: Adaptado de Martinez-Silveira e Oddone (2007, p. 123).

Brenda Dervin compreende que:

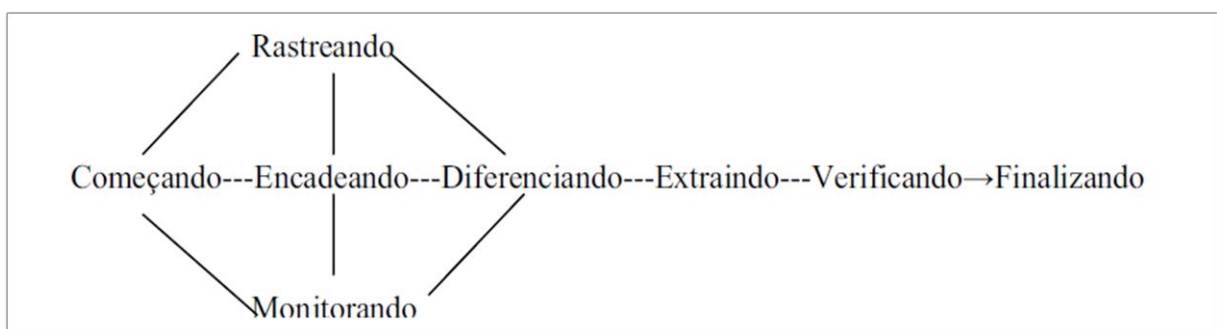
Toda necessidade informacional surge da descontinuidade no conhecimento provocada por uma lacuna. Em sua rotina cotidiana, os

indivíduos procuram preencher as lacunas informacionais de várias formas, seja estudando, pesquisando ou conversando com outras pessoas. A satisfação das necessidades informacionais funciona como um acréscimo de degraus na experiência adquirida do indivíduo. Cada momento em determinado tempo e espaço é um novo degrau. Os degraus relacionados à definição e ao fechamento da lacuna configuram estratégias cognitivas necessárias à obtenção de respostas, algo bastante difícil de fazer e que depende do indivíduo e da situação. Neste percurso, o indivíduo precisa de esforço para se perceber, perceber o meio ambiente e ir efetuando os ajustes necessários. (MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 123).

O modelo de comportamento de busca de informação desenvolvido por David Ellis em 1989 (FIGURA 10) não apresenta um diagrama conforme os outros modelos, mas sim uma série ações relacionadas à busca informacional. Conforme Martinez-Silveira e Oddone (2007), são elas:

- a) Começar - atividades de início da busca;
- b) Encadear - prosseguir a busca;
- c) *Browsing* - busca semidirigida em locais potenciais de busca;
- d) Diferenciar - filtrar e selecionar;
- e) Monitorar - continuar revendo as fontes identificadas como essenciais;
- f) Extrair - trabalhar sistematicamente com as fontes de interesse;
- g) Verificar - conferir a veracidade das informações;
- h) Finalizar.

Figura 10 – Fases do comportamento na busca informacional de Ellis



Fonte: Adaptado de Martinez-Silveira e Oddone (2007, p. 124).

Vale ressaltar que este modelo é centrado nos aspectos cognitivos da busca de informação e foi elaborado a fim de apresentar recomendações para o *design* de sistemas de recuperação da informação (CRESPO; CAREGNATO, 2003).

A importância deste modelo está no fato de ele ser resultado de pesquisa empírica e de ter sido testado em diversos estudos. “As inter-relações ou interações

entre essas categorias em qualquer padrão individual de busca informacional dependerão das circunstâncias específicas da busca em questão naquele momento particular.” (ELLIS, 1989, p. 178 *apud* MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 124).

O modelo desenvolvido pela pesquisadora norte-americana Carol Collier Kuhlthau, em 1991, foi intitulado Information Search Process (ISP), que em português é denominado como ‘Processo de Busca da Informação’. Baseia-se nos padrões do processo de busca e uso da informação adotado na realização do trabalho de conclusão de curso por estudantes de graduação. A autora faz uma associação entre sentimentos, pensamentos e atitudes e mescla características da abordagem fenomenológica com a cognitiva (PIRES, 2012).

“O foco do modelo é o processo de busca de informação que identifica os caminhos da construção do conhecimento” (FURTADO; ALCARÁ, 2015, não paginado) para gerar conteúdo de qualidade e os sentimentos expressos pelos indivíduos durante esse processo (SILVA, 2017, p. 26). O modelo se baseia em seis estágios: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação (FIGURA 11).

Figura 11 – Quadro do Processo de Busca da Informação (ISP)

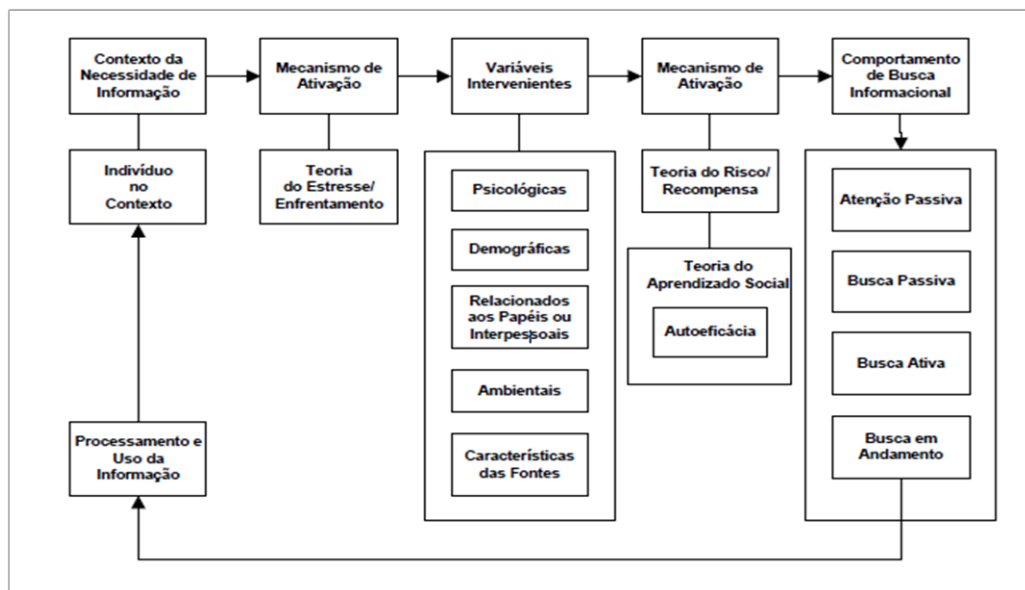
Estágios do ISP	Sentimentos comum a cada estágio	Pensamentos comuns a cada estágio	Ações comuns a cada estágio
1. Início	Incerteza	Generalizados	Buscando informações gerais
2. Seleção	Otimismo	-----	-----
3. Exploração	Confusão / Frustração / Dúvida	-----	Buscando informações relevantes
4. Formulação	Clareza	Específicos / Claros	-----
5. Coleta	Senso de direção / Confiança	Aumento do Stress	Buscando informações focadas
6. Apresentação	Alívio / Satisfação ou Frustração	Focado	-----

Fonte: Adaptado de Kuhlthau (1991 *apud* PIRES, 2012, p. 299).

O modelo ISP detalha os sentimentos expressos, os pensamentos e as ações mais comuns desenvolvidas pelos indivíduos durante cada estágio do processo de busca da informação. Para a autora, “[...] a busca de informação é um processo de construção que envolve a experiência de vida, os sentimentos, bem como os pensamentos e as atitudes de uma pessoa.” (KUHALTHAU, 1991, p. 362 *apud* FURTADO; ALCARÁ, 2015, não paginado).

As constantes mudanças na sociedade geraram, nos usuários, novas necessidades. Buscando se adaptar a elas, em 1996 Thomas Wilson e Christina Walsh reformularam o modelo de comportamento informacional (FIGURA 12) para prover uma estrutura geral mais efetiva, levando em consideração todos os aspectos do comportamento de busca de informação a partir do momento em que surge a necessidade da informação até quando ela é utilizada.

Figura 12 – Modelo revisado de comportamento informacional de Wilson



Fonte: Adaptado de Garcia (2007, p. 39).

O foco da necessidade informacional do novo modelo se mantém na pessoa em seu contexto, porém, foram incluídos novos conceitos, tais como: os mecanismos de ativação; o caráter cíclico da busca; a importância do contexto; e a categorização de variáveis intervenientes, envolvidas com os aspectos individual, social e ambiental do indivíduo. Também faz menção às teorias do estresse/enfrentamento, do risco/ recompensa e do aprendizado social para explicar o conceito de mecanismo de ativação (GARCIA, 2007). De fato, “[...] os mecanismos de ativação alertam o usuário para prosseguir, ou não, no processo de busca de informação e podem explicar porque algumas necessidades informacionais não se convertem em processo de busca de informação.” (WILSON, 1999 *apud* VITORIANO, 2018, p. 60).

Os modelos de comportamento informacional apresentados foram produzidos com base em estudos centrados no usuário da informação. O indivíduo é visto como

estando em constante processo de construção e sendo livre para criar o que quiser junto aos sistemas ou situações, de acordo com as suas necessidades. Os modelos se preocupam em entender como as pessoas chegam à compreensão das coisas, pesquisando por dimensões passíveis de generalizações dessa tomada de consciência (ou de compreensão). Também se preocupam em identificar o processo de uso da informação em situações particulares (FURTADO; ALCARÁ, 2015, não paginado).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo estão apresentados os procedimentos utilizados nesta pesquisa que resultaram na escolha do tipo de estudo, da população e da amostra da pesquisa, do instrumento para coleta de dados e da forma adotada para a coleta.

Com a apresentação destes itens se evidencia a concatenação dos mesmos com a base teórica apresentada anteriormente e que alicerça o desenvolvimento do trabalho.

3.1 TIPO DE ESTUDO

As pesquisas surgem sempre a partir de um questionamento, de um problema, de uma incógnita, de uma situação em que o conhecimento disponível não responde adequadamente ao que está sendo perguntado (PRODANOV; FREITAS, 2013). Nem toda pesquisa é científica, o ato de pesquisar pode ser simplesmente o de buscar por um determinado conhecimento para responder indagações e dúvidas que surgem no cotidiano dos indivíduos. Para que uma pesquisa possa ser considerada científica o pesquisador deve fazer o uso de métodos considerados científicos, de modo que ela seja planejada e desenvolvida de maneira organizada.

Para Gil (2010, p. 8), “Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento”.

Heerdt e Leonel (2007) definem método e metodologia.

A palavra método deriva do grego e quer dizer caminho. É a ordenação de um conjunto de etapas a serem cumpridas no estudo de uma ciência, na busca de uma verdade ou para se chegar a um determinado fim. Se “Método” significa caminho e “logia” significa estudo, metodologia é o estudo dos caminhos a serem seguidos para se fazer ciência. (HEERDT; LEONEL, 2007, p. 15).

Conforme definição de Prodanov e Freitas (2013, p. 14), metodologia científica pode ser entendida como “[...] a aplicação de procedimentos e técnicas

que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade”.

Diante das informações supracitadas, o presente trabalho se faz científico, uma vez que, para a sua elaboração foi realizado o planejamento dos métodos que seriam utilizados durante a elaboração do pré-projeto.

A pesquisa é classificada como quali-quantitativa, de natureza aplicada e tinha, como objetivo, o de descrever o problema e os fatos a partir de dados obtidos através do levantamento de referências teóricas disponíveis em meios escritos e eletrônicos (FONSECA, 2002, p. 32 *apud* FERNANDES *et al.*, 2018, p. 5).

Giddens (2012) afirma que: “[...] a pesquisa pode ser feita pelo método misto – quantitativos e qualitativos – de modo a obter uma compreensão e explicação mais ampla do tema estudado”. Deste modo, foi realizada uma revisão bibliográfica, a partir de conteúdos já existentes sobre as temáticas abordadas, a fim de melhor compreender sobre os assuntos. Também foram aplicados questionários para o levantamento de dados na fase da pesquisa empírica. Devido à característica mista do tipo de abordagem escolhida, os cruzamentos dos dados gerados têm maior confiabilidade, como orienta Goldenberg (2004).

A pesquisa proposta pode ser caracterizada como aplicada por “[...] gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51), visto que seu objetivo foi o de analisar a percepção de como os graduandos do curso de Biblioteconomia da UFG lidam com os temas comportamento informacional e desinformação.

Para Gil (2002), pesquisas exploratórias

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p. 41).

A “[...] pesquisa descritiva é aquela que analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los.” (HEERDT; LEONEL, 2007, p. 64). Diante dos conceitos supracitados, a presente pesquisa pode ser classificada como exploratória-descritiva, já que temas

relacionados ao comportamento informacional e à desinformação voltaram a se tornar evidentes recentemente, gerando discussões de grande magnitude ao redor do mundo. Neste sentido, pretendeu-se identificar como a temática está sendo tratada pelos pesquisadores na área das Ciências da Informação. Outro fator que faz da pesquisa proposta uma pesquisa descritiva é a realização da coleta de dados através da aplicação de questionário para posterior análise.

Referente aos procedimentos técnicos adotados, este estudo pode ser classificado como bibliográfico e documental, de acordo com a definição de Heerdt e Leonel (2007):

A pesquisa documental assemelha-se muito com a pesquisa bibliográfica. Ambas adotam o mesmo procedimento na coleta de dados. A diferença está, essencialmente, no tipo de fonte que cada uma utiliza. Enquanto a pesquisa documental utiliza fontes primárias, a pesquisa bibliográfica utiliza fontes secundárias (HEERDT; LEONEL, 2007, p. 75).

Pois para a elaboração do referencial teórico da pesquisa foram efetuados levantamentos de referências em variadas fontes disponíveis em meios escritos e eletrônicos.

3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA EMPÍRICA

Como ferramenta para a coleta de dados optou-se pela utilização de um questionário. Segundo Marconi e Lakatos (2011), o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Para esta pesquisa o questionário foi gerado e aplicado através da *internet*, utilizando-se a ferramenta Google Forms. O instrumento de coleta (APÊNDICE B) possui seis questões fechadas e uma semiaberta, teve como objetivo identificar a amostra e levantar o índice de conhecimento que os participantes possuem referente aos temas: *fake news*, comportamento informacional e desinformação.

3.3 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA PARA A PESQUISA EMPÍRICA

No que se refere à população (universo) e a amostragem da pesquisa, Prodanov e Freitas (2013, p. 98) definem: “População (ou universo da pesquisa) é a

totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo”. Desse modo, a pesquisa teve como população os estudantes de Biblioteconomia da UFG.

Segundo Malhotra (2001 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 30), “A amostra é um subgrupo de uma população, constituído de N unidades de observação e que deve ter as mesmas características da população, selecionadas para participação no estudo”. Assim, no presente caso, a amostra se refere aos estudantes do curso de Biblioteconomia da UFG que estavam matriculados no sexto e no oitavo período durante segundo semestre de 2019.

Solicitou-se, à coordenação do curso de Biblioteconomia da UFG, a lista dos estudantes matriculados nos referidos períodos com seus respectivos e-mails de contato. No total a lista possui 104 alunos – sendo 55 do sexto período e 49 do oitavo. Deste total, definiu-se um percentual de, no mínimo, 30% de respostas de cada período para validar a pesquisa. Assim, obrigatoriamente era necessário ter um mínimo de 17 respostas de alunos matriculados no sexto período e um mínimo de 15 respostas de alunos do oitavo período, totalizando 32 respostas.

Ressalta-se que a pesquisa está registrada como parte do projeto de pesquisa intitulado ‘A leitura e suas concepções teóricas, históricas e conceituais: perspectivas no campo do letramento informacional e comportamento informacional em diferentes instâncias educacionais formais e informais’ – projeto aprovado no Comitê de Ética da UFG (Processo CAAE 41236915.8.0000.5083/2015), sob a responsabilidade da Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos, do curso de Biblioteconomia da UFG. E também que foi apresentado, aos entrevistados, o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), disponível no Apêndice A deste trabalho.

3.4 COLETA DE DADOS

No dia 25 de setembro foi enviado, aos estudantes da amostra selecionada, o primeiro e-mail apresentando o motivo da aplicação do questionário, com o *link* de acesso e solicitando a participação deles na pesquisa. Em seguida, o mesmo pedido foi realizado nos grupos de WhatsApp que reúnem estudantes do curso e que contêm elementos da amostra selecionada. Os grupos são: UFG Biblioteconomia e

Biblio UFG 2016. A mensagem visava reforçar a solicitação inicialmente feita por e-mail. No dia 5 de outubro, devido à baixa adesão dos estudantes do sexto período, uma nova solicitação foi enviada ao grupo UFG Biblioteconomia, que contém a maior concentração de estudantes deste período. Objetivando não ser inconveniente com repetições no pedido, o questionário não foi enviado novamente via e-mail.

A coleta dos dados foi encerrada no dia 25 de outubro e, apesar das dificuldades encontradas, o procedimento teve resultados significativos, os quais estão apresentados e discutidos na seção seguinte.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados pode ser considerada uma das etapas mais importantes da pesquisa científica. É através dela que é realizada a apresentação e a análise dos dados coletados – sendo que, neste estudo, a coleta de dados foi feita por meio de aplicação de questionário enviado via e-mail e via WhatsApp.

Para melhor visualização dos dados, os resultados estão expostos em gráficos. Nas análises são estabelecidas relações entre os dados obtidos, o problema da pesquisa e o embasamento teórico apresentado na revisão de literatura.

4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

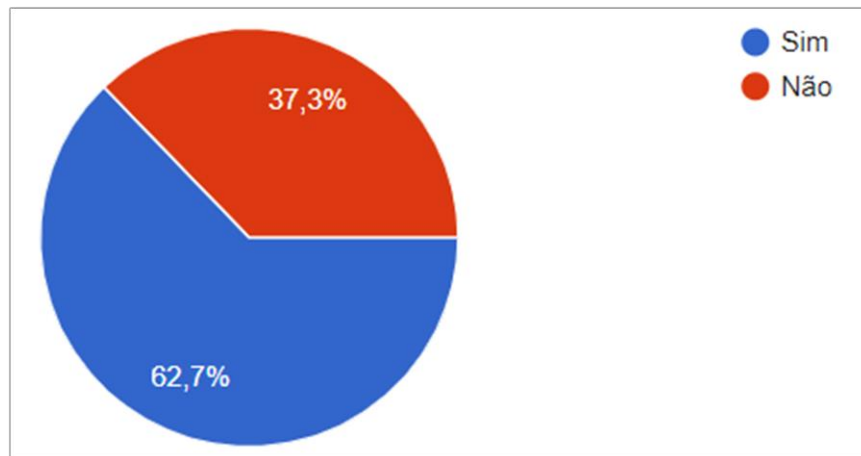
No presente caso a pesquisa foi realizada com estudantes do curso de Biblioteconomia da UFG que estavam matriculados no sexto e no oitavo períodos do curso no segundo semestre de 2019. A escolha da amostra partiu da premissa de que os estudantes próximos à conclusão do curso já possuem o domínio de métodos e técnicas que lhes tornam capazes de buscar, selecionar e avaliar as informações que utilizarão a partir fontes confiáveis de informação.

Para verificar a questão problema do trabalho – Como os estudantes estão recebendo e discutindo, questões de competência informacional e desinformação? – determinou-se que a coleta de dados seria realizada através da aplicação de questionário. Sua estrutura básica incluía o TCLE, seis questões fechadas e uma semiaberta; foi elaborado no Google Forms e o *link* foi disponibilizado aos estudantes via e-mail e em dois grupos específicos de WhatsApp.

A seguir está a confrontação entre os dados colhidos com os pressupostos teóricos levantados na revisão de literatura e as inferências em relação a esta confrontação.

O TCLE (Apêndice A) foi inserido no instrumento de coleta de dados (Apêndice B) e permitia a marcação de uma das duas opções: se o estudante gostaria de realizar a leitura do termo ou não. Dos 51 participantes, 32 (62,75%) efetuaram a leitura e 19 (37,3%) optaram por não ler o TCLE (GRÁFICO 1).

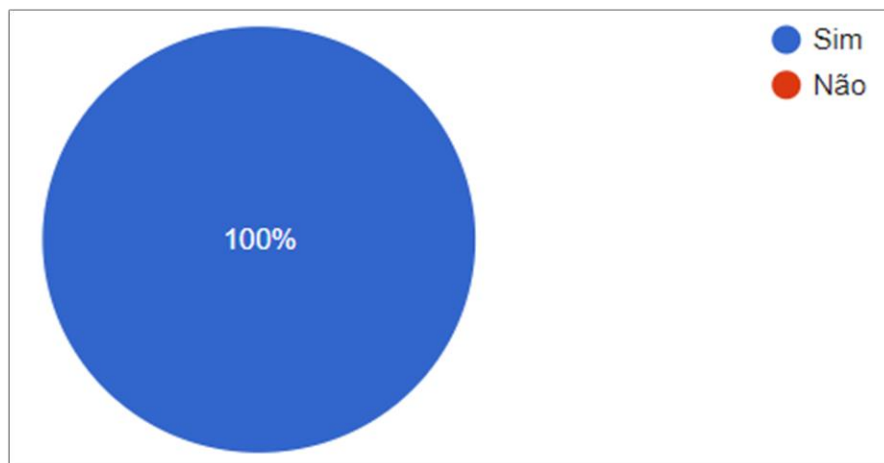
Gráfico 1 – Leitura do termo de consentimento



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Para prosseguir com o questionário era necessário marcar a opção de concordância com o TCLE, que era o equivalente à assinatura presencial do participante. Dessa forma, mesmo aqueles que não leram o termo tiveram que marcar a opção de consentimento antes de prosseguir para as perguntas (GRÁFICO 2).

Gráfico 2 – Prosseguir para o questionário

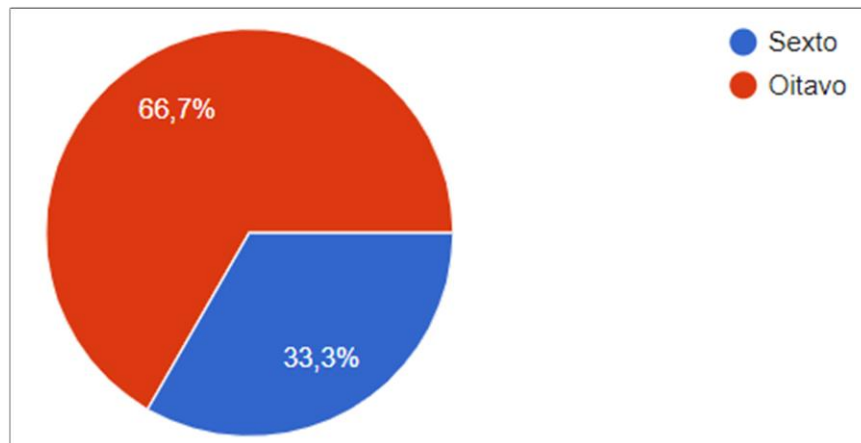


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A primeira questão apresentada no questionário objetivou definir qual o período do respondente, tendo em vista que havia uma meta a cumprir: era preciso ter 17 respostas do sexto período e 15 do oitavo, no mínimo, para validação da pesquisa. Obteve-se 51 respostas, sendo 17 de do sexto período e 34 do oitavo, o

que corresponde a 33,3% e 66,7% do total de respostas obtidas, respectivamente (GRÁFICO 3).

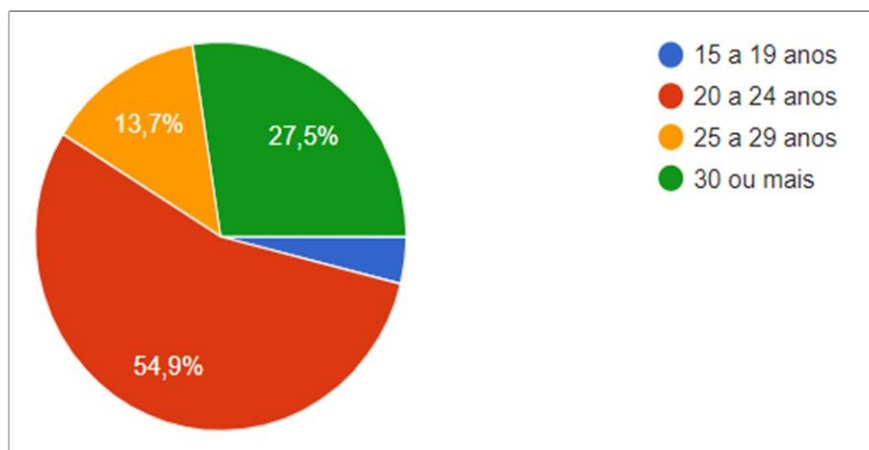
Gráfico 3 – Período cursado



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Com a segunda questão se objetivava determinar a faixa etária dos estudantes. Foram propostas quatro possíveis faixas etárias, a partir dos 15 anos, separadas em intervalos de quatro anos, conforme especificado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até o limite de 30 anos, sendo que a opção '30 anos ou mais' era a última para faixa etária. Obteve-se os resultados apresentados no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Faixa etária



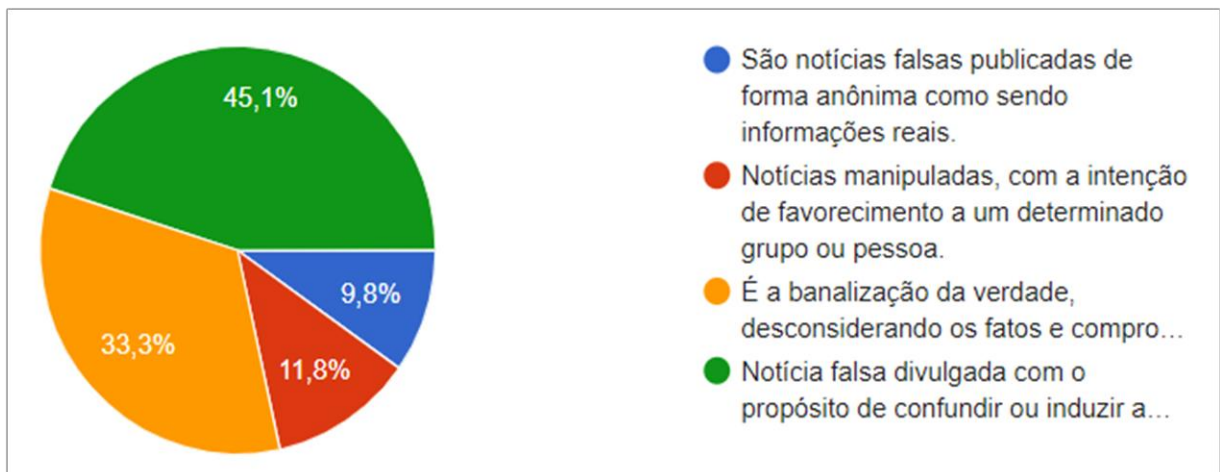
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A proposta de evidenciar a idade dos estudantes visava identificar melhor os elementos da amostra. Verificou-se que há uma relativa variedade das idades,

sendo que os respondentes estão concentrados nas faixas entre 20 a 30 anos, com predominância da faixa etária dos 20 a 24 anos – com 28 estudantes (54,9%), seguida das faixas etárias 30 ou mais – com 14 (27,5%), e 25 a 29 – com sete (13,7%). Apenas dois dos respondentes (3,9%) estão na faixa de 15 a 19 anos.

Com a terceira questão se pretendia verificar qual é o entendimento dos estudantes em relação às *fake news*. Foram apresentadas quatro alternativas possíveis de respostas para marcação. A primeira era: ‘São notícias falsas publicadas de forma anônima como sendo informações reais’, que obteve cinco respostas (9,8%). A segunda: ‘Notícias manipuladas, com a intenção de favorecimento a um determinado grupo ou pessoa’, recebeu seis respostas (11,8%). A terceira, ‘É a banalização da verdade, desconsiderando os fatos e comprovações reais no processo de formação de opinião’, obteve a segunda maior quantidade de respostas: 17 (33,3%). A última opção: ‘Notícia falsa divulgada com o propósito de confundir ou induzir a erro’ teve a maior quantidade de respostas: 23 (45,1%). Os dados podem ser visualizados no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Entendimento sobre *fake news*



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

De acordo com o levantamento teórico realizado durante a pesquisa, observa-se que as opções elencadas se referem respectivamente aos conceitos de: *fake news* (opções 1 e 2), pós-verdade (opção 3) e desinformação (opção 4). Apesar de os três conceitos estarem interligados e serem parecidos, possuem significados distintos, o que torna os resultados obtidos preocupantes, já que 45,14% das pessoas acreditam que *fake news* são ‘notícias falsas divulgadas com propósito de

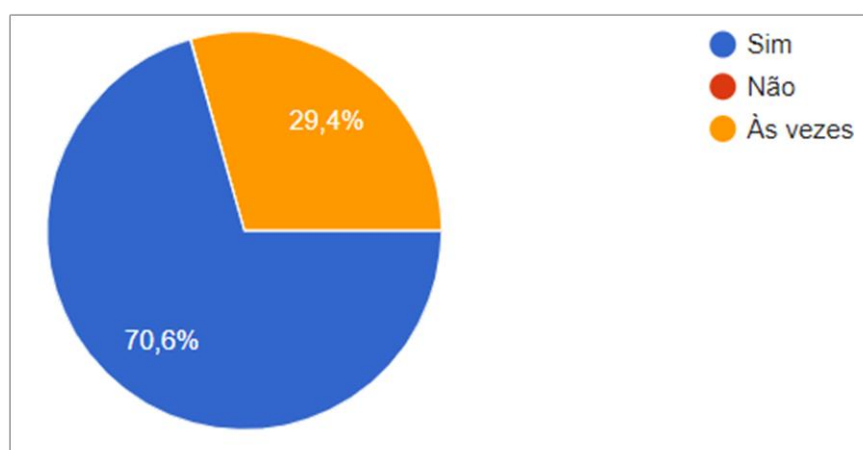
confundir ou induzir a erro'. O que é incorreto, já que este é o conceito de desinformação estabelecido por autores como Sherman (2018).

Do mesmo modo, 33,3% marcaram a opção referente à 'banalização da verdade desconsiderando os fatos e comprovações reais no processo de formação de opinião', outro conceito que não equivale ao de *fake news*, mas sim ao de pós-verdade, como discutido por Castilho (2016). Apenas 21,6% conseguiram diferenciar os dois conceitos de *fake news* apresentados na questão, que foram determinados com base em estudos de Paula, Silva e Blanco (2018). Fica evidente que, mesmo para futuros bibliotecários, é difícil diferenciar esses conceitos.

Para cumprir seu papel social de mediador da informação na 'era da desinformação', em meio às *fake news* e opiniões com base em pós-verdade, o bibliotecário deve desenvolver, ainda durante a graduação, habilidades e competências em informação, mas também deve saber como passá-las adiante. Portanto, deve estar em constante aprendizado e munido de ferramentas contra as notícias falsas (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018).

Quando perguntado na questão quatro se faz a verificação da fonte dos conteúdos compartilhados nas redes sociais, 36 participantes (70,6 %) disseram que 'sim'; 15 (29,4%) assinalaram a opção 'às vezes' e ninguém marcou a opção 'não'.

Gráfico 6 – Verificação da fonte dos conteúdos consultados

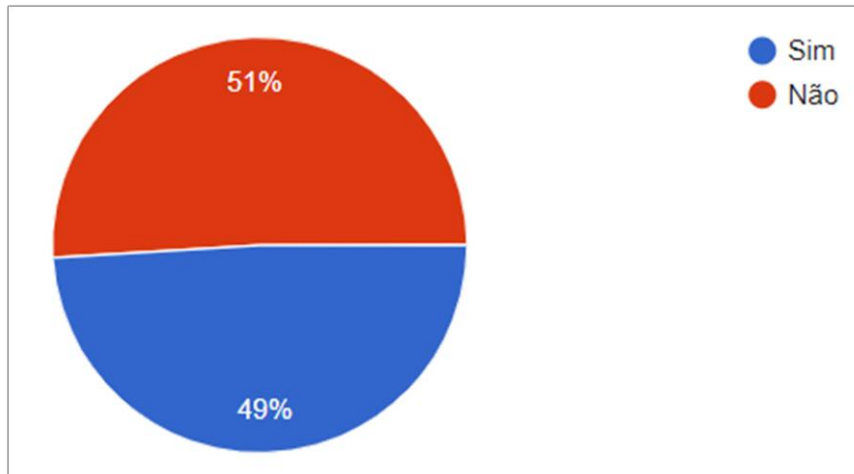


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O objetivo da quarta questão era verificar se esses futuros profissionais da informação estão comprometidos em utilizar informações de fontes confiáveis, um dos conceitos estabelecidos por Alves e Santos (2018), ainda que seja apenas quando faz uso particular de suas redes sociais.

A seguir, a quinta questão perguntava se o estudante já repassou conteúdos falsos através das redes sociais por não ter checado a informação previamente. Obteve-se os seguintes resultados: 26 dos participantes (51%) assinalaram 'não' e 25 (49%) disseram que 'sim', conforme apresentado no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Já repassou conteúdos falsos através das redes sociais



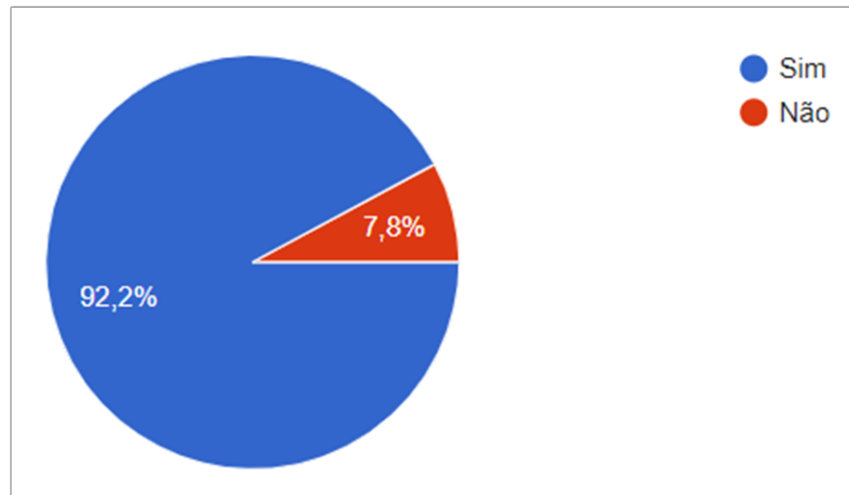
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O grande percentual de respostas afirmativas na questão cinco, 49% da amostra, contradiz o resultado da questão anterior, na qual 70,6 % dos participantes informaram que verificam a fonte do conteúdo que estão compartilhando.

Observa-se que, se as respostas da questão quatro são verdadeiras, a quantidade de conteúdo falso compartilhado deveria ser menor que o resultado apresentado. Em estudos sobre o comportamento informacional realizado por autores como Wilson (2000 *apud* MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007), discute-se sobre a associação da necessidade de buscas informacionais às fontes e canais que podem ser utilizados pelos usuários, confirmando que, caso os estudantes de Biblioteconomia verificassem as informações como afirmam, a quantidade de conteúdo falso compartilhado deveria ser menor, já que eles teriam feito buscas sobre os assuntos antes de compartilhá-los.

A penúltima questão era sobre a capacitação do estudante para identificar conteúdo falso na internet. De acordo com os dados coletados, dos 51 participantes, 47 (92,2%) se consideram capacitados e somente sete (7,8%) responderam que não se consideram capacitados. Os dados estão dispostos no Gráfico 8

Gráfico 8 – Considera-se capacitado para identificar conteúdos falsos



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

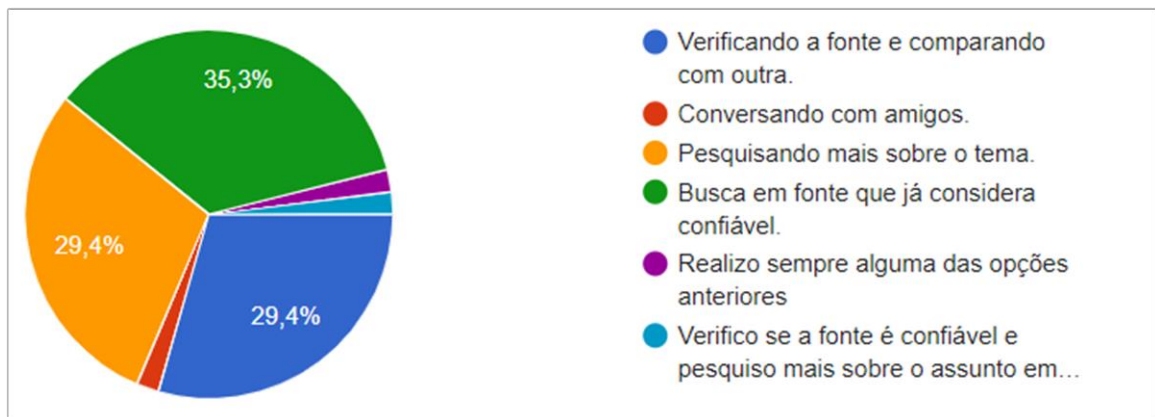
Apesar desses resultados, é necessário remeter aos resultados da terceira questão. Mesmo com 92,2% dos participantes se considerando capacitados para identificar conteúdos falsos, observa-se que apenas 21,6% deles conseguiu, de fato, identificar um dos dois conceitos disponibilizados na questão sobre *fake news*. Ao se comparar os resultados da questão três com os da questão seis é possível inferir que, apesar de os futuros profissionais bibliotecários se considerarem competentes na busca por conteúdos verdadeiros, apenas uma parcela deles conhece os conceitos referentes às temáticas *fake news*, desinformação e pós-verdade – os quais, por sua vez, influenciam diretamente na busca por fontes e conteúdos confiáveis.

A última questão se relaciona diretamente à anterior, pois, caso a resposta fosse 'sim' para a penúltima pergunta, o estudante deveria informar como realiza a identificação dos conteúdos. Para responder o participante deveria assinalar apenas uma das cinco opções de escolha, sendo a última delas a opção 'outros', que era uma alternativa aberta para descrever a sua própria forma de identificação (GRÁFICO 9).

Nessa questão 18 participantes (35,3%) assinalaram a alternativa 'busca em fonte que já considera confiável', ao passo que 15 (29,4%) estudantes afirmaram que identificam a informação 'verificando a fonte e comparando com outra'. Do mesmo modo, outros 15 (29,4%) assinalaram 'pesquisando mais sobre o tema'.

Somente um (2%) estudante marcou a segunda opção, que era ‘conversando com amigos’. Apenas um (2%) participante marcou a opção ‘outros’ e respondeu: “Realizo sempre alguma das opções anteriores”. Outro participante (2%) escreveu: “Verifico se a fonte é confiável e pesquiso mais sobre o assunto em outras fontes confiáveis para poder discernir a veracidade do conteúdo”.

Gráfico 9 – Como realiza a identificação



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Fica evidente que durante a graduação o estudante de Biblioteconomia deve ser mais bem preparado academicamente para que possa, posteriormente, atender as necessidades informacionais dos seus usuários. É necessária uma formação voltada para atender as necessidades de informação em seus múltiplos níveis e dos mais variados usuários, compreendendo e analisando conceitos como comportamento informacional e fontes de informação confiáveis ainda durante a universidade. Do mesmo modo, acredita-se que é necessária uma estrutura curricular que estimule os futuros profissionais bibliotecários a compreender de fato conceitos como os de *fake news*, desinformação e pós-verdade, incentivando-os a buscar formação neste sentido.

Faz-se necessária ainda uma reflexão a respeito da criação de uma cultura de verificar as informações antes de compartilhá-las que abranja desde os dados obtidos na universidade até os disseminados em redes sociais particulares. A partir dos estudos do comportamento informacional dos usuários, é importante criar meios de verificação e busca de informações de forma frequente, e que isso seja realizado de modo incisivo pelos profissionais bibliotecários desde o início de sua formação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade de informação depositada na *web* todos os dias é absurda e, por isso, selecionar informações verídicas para sanar uma necessidade informacional não é uma tarefa fácil ou simples.

A partir do uso das ferramentas de busca disponíveis em meio digital, é difícil garantir a veracidade de informações sem conhecimento adequado para realizar buscas ou selecionar informações confiáveis. É no meio desse turbilhão de informações que o profissional bibliotecário da atualidade deve atuar, auxiliando e capacitando seus usuários para a busca por informações fidedignas, na tentativa de colaborar para coibir a proliferação de *fake news* e de opiniões emitidas com base em pós-verdade que desencadeiam um ciclo de desinformação.

Isso vai ao encontro do que dizem autores como Garcia (2007), que fala sobre a constante atualização do mundo da informação em meio digital e que deixa claro que áreas que trabalham com a disseminação dessas informações devem estar cada vez mais engajadas no mundo tecnológico. Entretanto, também é necessário reforçar que, mesmo diante da hiperconectividade tecnológica, é papel do profissional que lida com a informação se ater ao uso de fontes confiáveis e disseminar apenas informações com veracidade confirmada.

De fato, a evolução tecnológica a qual os usuários estão submetidos implica na alteração de seu comportamento informacional e isso acaba interferindo, também, no papel do bibliotecário – que deve estar em constante aprendizado para conseguir acompanhar as mudanças da sociedade e atuar como mediador da informação. Desse modo, é imprescindível que os futuros bibliotecários saibam diferenciar os conceitos base de *fake news*, pós-verdade e desinformação para que possam combatê-los durante a busca pela informação que irá suprir as diversas demandas informacionais dos seus usuários.

A pesquisa ora apresentada teve, como questão problema, a seguinte pergunta: Como os estudantes do curso de Biblioteconomia estão recebendo, discutindo e analisando a relação entre comportamento informacional e desinformação no contexto atual? Para tanto, na pesquisa foram explorados conceitos de comportamento informacional e desinformação e, a partir disso, estabeleceu-se um levantamento teórico sobre a abordagem da Ciência da

Informação acerca dessas temáticas. Além disso, observou-se como os estudantes de Biblioteconomia do 6º e 8º períodos estão discutindo essas temáticas a partir das ações e procedimentos de busca por eles realizados.

O estudo foi voltado para a compreensão da avaliação da capacidade de identificação de *fake news* de um pequeno grupo de futuros bibliotecários que serão graduados em breve pela UFG. Os resultados apurados mostram que, apesar de os futuros profissionais se considerarem aptos a reconhecer informações falsas, mais de 80% dos participantes não conseguem diferenciar os termos base da temática. O que leva a inferir que a relação entre comportamento informacional e desinformação, com base na amostra avaliada, não apresenta o resultado esperado para graduandos em Biblioteconomia; o que é um fato preocupante, já que os futuros profissionais irão atuar como mediadores da informação em diversos locais e com variados tipos de usuários.

Considera-se, assim, que o comportamento informacional e os conceitos relativos a *fake news*, pós-verdade e desinformação devem ser trabalhados com mais ênfase nos currículos de graduação da área e de forma contínua, desde o início do curso. Uma das possibilidades seria a readequação dos currículos de Biblioteconomia observando-se também as necessidades informacionais dos usuários, já que se vive na atual Sociedade da Informação.

Antes o usuário buscava pela informação preferencialmente em livros ou bibliotecas; após o advento da internet e de sua popularização, este mesmo usuário é bombardeado por um infinito de informações, a qualquer momento e em qualquer lugar. Mediante as diversas possibilidades, busca pelas informações de modo autônomo e nem sempre orientado, em seus *tablets*, computadores pessoais e smartphones; muitas vezes sem se preocupar com a veracidade das informações encontradas.

A partir dessa reflexão, sugere-se também a criação de uma disciplina de núcleo livre na UFG que promova ações e estudos sobre comportamento informacional, disseminação e acesso à informação confiável, bem como a discussão de conceitos relacionados à temática e ações de combate à desinformação, *fake news* e pós-verdades. A existência de uma disciplina sobre essa temática, que alcance alunos de toda a universidade, poderia minimizar o uso e a divulgação de informações falsas ou manipuladas para atender fins ilícitos, ilegais

ou imorais. Além disso, estima-se que os futuros profissionais formados pela instituição, com essa disciplina em seu currículo acadêmico, estariam mais bem capacitados para realizar suas próprias buscas e, conseqüentemente, estimulariam a busca e o uso de informações verificadas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fernanda Maria Melo; SANTOS, Bruno Almeida dos. Fontes e recursos de informação tradicionais e digitais: propostas internacionais de classificação. **Biblos**: Revista Electrónica de Bibliotecología, Archivología y Museología, Brasília, n. 72, p. 35-50, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6572330>. Acesso em: 24 set. 2019.
- ARAUJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 29, n. 1, p. 81-96, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463>. Acesso em: 12 out. 2019.
- BATES, Marcia J. Information behavior. *In*: BATES, Marcia J.; MAACK, Mary Niles. **Encyclopedia of Library and Information Sciences**. 3. ed. New York: CRC Press, 2010. Disponível em: <https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/bates/articles/information-behavior.html>. Acesso em: 23 out. 2019.
- BAZI, Rogério. Produção da informação nos campos da ciência da informação e comunicação jornalística: possíveis interfaces. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 18, p. 1-14, jan./maio 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/6733>. Acesso em: 24 set. 2019.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19995/pdf_21. Acesso em: 8 jun. 2019.
- BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais desafios para a competência crítica em informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos [...]**. João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2716/1034>. Acesso em: 3 jun. 2019. p.1-16.
- BIBLIOTECÁRIO. *In*: Desciclopédia: a enciclopédia livre de conteúdo. [S. l.], 9 mar. 2013. Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Bibliotec%C3%A1rio>. Acesso em: 29 jun. 2019.
- BRASIL. Palácio do Planalto. **Lei nº 13.834, de 4 de junho de 2019**. Altera a Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965 - Código Eleitoral, para tipificar o crime de denúncia caluniosa com finalidade eleitoral. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13834.htm. Acesso em: 11 set. 2019.
- BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA

EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais eletrônicos** [...].

Londrina: UNESP, 2018. Disponível em:

<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/viewFile/1219/1636>. Acesso em: 3 jul. 2019. p. 3316–3330

CÁRGANO, Marcelo. MIT: humanos, não bots, são a principal causa para a disseminação das fake news. **Lex Machinae**, [Rio de Janeiro], 12 mar. 2018.

Disponível em: <https://www.lexmachinae.com/2018/03/12/mit-humanos-nao-bots-sao-principal-cao-para-disseminacao-das-fake-news/>. Acesso em: 23 out. 2019.

CARVALHO; Kátia de; REIS; Marivaldina Bulcão. Missão do bibliotecário: a visão de José Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 34-42, jul./dez. 2007. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/63>. Acesso em: 29 jun. 2019.

CASTILHO, Carlos. Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós-verdade.

Observatório da Imprensa, São Paulo, n. 921, ed. 1040, 2016. Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/apertem-os-cintos-estamos-entrando-na-era-da-pos-verdade/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTODIO, Marcela Gaspar. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 197-214, maio/ago. 2018. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/777>. Acesso em: 29 jun. 2019.

CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Comportamento de busca de Informação: uma comparação de dois modelos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 247-257, jul./dez. 2003. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/73/33>. Acesso em: 23 out. 2019.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2001. p. 9. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/handle/10482/15121>. Acesso em: 12 out. 2019.

DESINFORMAÇÃO. In: GOOGLE. Califórnia: Google LLC, 2018. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=desinforma%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1CHZL_pt-

[BRBR758BR758&oq=desinforma%C3%A7%C3%A3o&aqs=chrome..69i57j0j69i60j69i61i2j0.9292j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=desinforma%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR758BR758&oq=desinforma%C3%A7%C3%A3o&aqs=chrome..69i57j0j69i60j69i61i2j0.9292j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 20 nov. 2018.

DESINFORMAÇÃO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2019. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Desinforma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 9 jul. 2019.

DUTRA, Carlos Antônio Furtado. O que é mídia? Para que serve? **Webartigos**, [s. l.], 17 jan. 2011. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-que-e-midia-para-que-serve/57042/>.

Acesso em: 23 nov. 2018.

FALLIS, Don. What is disinformation? **Library Trends**, [s. l.], v. 63, n. 3, p. 401-426, jan./fev. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lib.2015.0014>. Acesso em: 10 jun. 2019.

FASES da Revolução Industrial. **Sua pesquisa.com**. [2018]. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/industrial/fases_revolucao.htm. Acesso em: 20 nov. 2018.

FLORES, Pablo Jamilk. Inferências falseadoras como base para a pós-verdade. **Línguas & Letras**, Paraná, v. 18, n. 41, p. 20-32, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/18494/pdf>. Acesso em: 5 jun. 2019.

FERNANDES, Alice Munz; BRUCHÊZ, Adriane; D'ÁVILA, Alfonso Augusto Fróes; CASTILHOS, Nádia Cristina; OLEA, Pelayo Munhoz. Metodologia de pesquisa de dissertações sobre inovação: análise bibliométrica. **Desafio Online**, Caxias do Sul, RS, v. 6, n. 1, p. 141-159, 2018. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/mostraucsppga/xvmostrappga/paper/viewFile/4136/1361>. Acesso em: 9 abr. 2019.

FRANCISCO, Severino. Sociedade da desinformação. *In*: UNESCO NO BRASIL. **Blog Observatório da Sociedade da Informação**, Brasília, 7 out. 2004. Disponível em: <https://www.ebah.com.br/content/ABAAAerAkAL/sociedade-desinformacao-severino-francisco>. Acesso em: 11 jun. 2019.

FURTADO, Renata Lira; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Modelos de comportamento informacional: uma análise de suas características. *In*: SEMINÁRIO CIENTÍFICO ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA, 4., 2015, Marília. **Anais eletrônicos [...]**. Marília: UNESP, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebiblioteconomia/furtado-r.l..pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

GARCIA, Rodrigo Moreira. **Modelos de comportamento de busca de informação: contribuições para a organização da informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93696/garcia_rm_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 23 out. 2019.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez. 2010. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1268/1446>. Acesso em: 8 jun. 2019.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em informação: conceitos, características e desafios. **A to Z: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 05-09, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/viewFile/41315/25246>. Acesso em: 8 jun. 2019.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza.

Comportamento dos professores da educação básica na busca da informação para formação continuada. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 55-61, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19024.pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Desafios para implementar o letramento informacional na educação básica. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 41-56, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n1/03.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2019.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina Netz. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. Disponível em: <https://damas20162.files.wordpress.com/2016/08/giddens-anthony-sociologia.pdf>. Acesso em: 5 maio 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas: 2010. p. 8.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 62. Disponível em: <http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf>. Acesso em: 5 maio 2019.

GONDIM, Abnor. Congresso derruba veto de Bolsonaro a lei sobre fake news. **TeleSíntese**. [São Paulo], 29 ago. 2019. Política. Disponível em: <http://www.telesintese.com.br/congresso-derruba-veto-de-bolsonaro-a-lei-sobre-fake-news/>. Acesso em: 11 set. 2019.

GOUVEIA, Luís Manuel Borges. **Sociedade da informação**: notas de contribuição para uma definição operacional. Pôrto, PT: UFP, 2004. Disponível em: http://homepage.ufp.pt/lmbg/reserva/lbg_socinformacao04.pdf. Acesso em: 8 dez. 2018.

HEERDT, Mauri Luiz; LEONEL, Vilson. **Metodologia científica e da pesquisa**: disciplina na modalidade à distância. 5. ed. Palhoça: UnisulVirtual, 2007. Disponível em: http://www.fatecead.com.br/mpc/aula01_ebook_unisulvirtual.pdf. Acesso em: 3 abr. 2019.

IMMIG, Cássio Felipe. **Informação para prática docente**: o comportamento informacional dos professores de ensino fundamental da Escola Municipal Selvino Ritter do município de Estância Velha – RS. Porto Alegre. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/67781>. Acesso em: 23 out. 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **How to spot fake news**: IFLA in the post-truth society. Edimburgo: IFLA, 2019. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/node/11174>. Acesso em: 10 jun. 2019.

LE BOTERF, Guy. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares; MATOS, José Claudio Morelli. Zumbificação da informação: a desinformação e caos informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 2334-2349, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/eBzURu>. Acesso em: 22 nov. 2019.

LIMA, Ramalho. Estudo revela que bots espalham fake news massivamente em poucos segundos. **Tecmundo**, [s. l.], 24 nov. 2018. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/136479-estudo-revela-bots-espalham-fake-news-massivamente-segundos.htm>. Acesso em: 11 set. 2019.

MACHADO, Vitor Barletta; TAVARES, Juciel Silva; CARVALHO, Nathan Ferreira. Desinformação na era da informação: estudo sobre o facebook. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., Ouro Preto, MG, 2013. **Anais eletrônicos** [...]. Ouro Preto, MG: UFRGS, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/desinformacao-na-era-da-informacao-estudo-sobre-o-facebook>. Acesso em: 22 nov. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto, relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 111.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, Martha Silvia; ODDONE, Nanci Elizabeth. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/17706>. Acesso em: 30 maio 2019.

MENEGHINI, Tatiani. Soluções reais para as fake news: como as bibliotecas podem ajudar. *In*: REIS, Andreza. **Blog Doce Biblioteca**. Rio de Janeiro, 24 maio 2018. Disponível em: https://docebiblioteca.com/2018/05/24/solucoes-reais-para-as-fake-news-como-as-bibliotecas-podem-ajudar/?fbclid=IwAR0eB4uJ8OPUe_4Zwx8ldeYN0TS1eyxZUK2GTxnh6lGwsr3f6cw4betqkTk. Acesso em: 23 out. 2019.

MONTEIRO, Rafael Augusto. **Detecção automática de notícias falsas para o português**: relatório final de projeto. São Carlos, SP: jul. 2018. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1ZmShtLAPXpt1oPTT_C9-dCd9whvq7UBNRGhwRnt_EW0/edit. Acesso em: 11 set. 2019.

MONTEIRO, Rafael Augusto; SANTOS, Roney Lira de Sales; PARDO, Thiago Alexandre Salgueiro. **Fakecheck**: sobre o projeto. São Carlos, SP: ICMC-USP,

c2018. Disponível em: <http://nilc-fakenews.herokuapp.com/about>. Acesso em: 11 set. 2019.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: Faculdade de Administração, Universidade Federal de Goiás, 2011. p. 1-72. Disponível em: https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: 17 maio 2019.

OLIVEIRA, Sara Mendonça Poubel de. Disseminação da informação na era das fake news. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/106362>. Acesso em: 28 maio 2019. p. 1-15.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Tradução: Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PAULA, Lorena Tavares de; SILVA, Thiago dos Reis Soares da; BLANCO, Yuri Augusto. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 93-110, 2018. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/86946>. Acesso em: 5 jun. 2019.

PENA, Rodolfo F. Alves. Era da informação: a era da informação trata-se de um período inaugurado no final do século XX referente à dinamização dos fluxos informacionais pelo mundo. **Mundo educação**. [2018]. Geografia humana. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/era-informacao.htm>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PENA, Lara Pontes Juvêncio. Fake news: uma breve análise acerca de sua trajetória internacional, consequências políticas e perspectiva jurídica. **Revista Dizer**, [s. l.], p. 136-150, 2018.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Pós-verdade, fake news e fake ethics. Publicado pelo canal Casa do Saber: Snack rede de canais. 14 ago. 2018. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WFzk12KPYvE&t=143s>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PIRES, Erik André de Nazaré. Comportamento informacional e processo de busca da informação: bases fundamentais para pesquisa científica. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 17, n. 2, p. 288-307, jul./dez., 2012. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/845/pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E->

book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf. Acesso em: 3 abr. 2019.

REZENDE, Denis. Alcides; ABREU, Aline França de. Introdução ao sistema de informação. *In*: REZENDE, Denis. Alcides; ABREU, Aline França. **Tecnologia da Informação aplicada a sistemas de informação empresariais**: o papel estratégico da informação e dos sistemas nas empresas. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2003. p. 60-72. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/jeziellopes/tecnologia-da-informao-aplicada-a-sistemas-de-informao-empresariais>. Acesso em: 12 out. 2019.

RODRIGUES, Ana Vera Finardi; CRESPO, Isabel Merlo. Fonte de informação eletrônica: o papel do bibliotecário de bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-18, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/8554>. Acesso em: 12 out. 2019.

RODRIGUES, Charles; BLATTMANN, Ursula. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.19, n.3, p.4-29, jul./set. 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1515/1451>. Acesso em: 08 jun. 2019.

ROLIM, Elizabeth Almeida; CENDÓN, Beatriz Valadares. Modelos teóricos de estudos de usuários na ciência da informação = Theoretical models of user studies in information science. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr. 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/50794>. Acesso em: 23 out. 2019.

SALCEDO, Diego Andres; SILVA, Jhoicykelly Roberta Pessoa e. a disseminação da informação: o papel do bibliotecário-mediador. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 22, n. 1, p. 23-30, dez./mar., 2017. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1274>. Acesso em: 29. jun. 2019.

SANTOS, Andréa Pereira dos. O bibliotecário além das margens no processo de letramento informacional. *In*: AMORIM, Antônio Carlos e (org.). **Leituras sem margens**. Campinas: Leitura Crítica, 2014. p. 353-365.

SANTOS, Raquel do Rosário; DUARTE, Emeide Nóbrega; LIMA, Izabel França. O papel do bibliotecário como mediador da informação no processo de inclusão social e digital. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 36-53, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3261>. Acesso em: 8 jul. 2019.

SHERMAN, Erik. Dictionary.com's word of the year is 'misinformation' – a slap at high tech. **Fortune**, Califórnia, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://fortune.com/2018/11/26/misinformation-dictionary-com-word-year-misinformation-social-media-tech/>. Acesso em: 11 set. 2019.

SILVA, Lázara Maria da. **O comportamento informacional de idosos**: um estudo da Universidade Aberta à Terceira Idade PUC-GO. 2017. Trabalho de Conclusão de

Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017. Disponível em: <http://200.137.217.156/bitstream/ri/15936/2/TCCG%20-%20Biblioteconomia%20-%20L%C3%A1zara%20Maria%20da%20Silva%20-%202017.pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

SOUSA, Amanda Moura de. O papel do bibliotecário como mediador da informação na era da pós-verdade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Fortaleza, v. 13, n. esp., p. 2390-2402, 2017.

TEIXEIRA, Célia Araújo; SANTOS, Andréa Pereira dos. A importância da leitura e da biblioteca no processo de Letramento Informacional. *In*: GOMES, Suely Henrique de Aquino; SANTOS, Andrea Pereira; REIS, Filipe; OLIVEIRA, Frederico Ramos (org.). **Letramento informacional: educação para informação**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. p. 15-34. Disponível em: [https://cafecomleitura.fic.ufg.br/up/366/o/E-book_CELI_\(Corrigido\).pdf](https://cafecomleitura.fic.ufg.br/up/366/o/E-book_CELI_(Corrigido).pdf). Acesso em: 8 jun. 2019.

THE REAL story of 'fake news'. *In*: MERRIAM-WEBSTER Dictionary. Springfield, MA: Merriam-Webster Inc., [2016]. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news>. Acesso em: 5 jun. 2019.

TRUMP diz que criou expressão 'fake news' e é desmentido por dicionário. **O Globo**. São Paulo, 9 out. 2017. O Globo mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/trump-diz-que-criou-expressao-fake-news-e-desmentido-por-dicionario-21926348>. Acesso em: 5 jun. 2019.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. A importância da atuação política do profissional da informação. *In*: SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira; PEREIRA, Danielle Borges; LOBÃO, Irajayna de Sousa Lage; DAVID, Jéssica Glienke. **Formação e atuação política na Biblioteconomia**. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 55-71.

VITORIANO, Maria Albeti Vieira. **Impactos da busca de informações não relevantes na produtividade de profissionais de tecnologia da informação**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.unb.br/handle/10482/32094?locale=es>. Acesso em: 11 dez. 2019.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p.130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2019.

WORD of the year 2016. *In*: OXFORD english dictionary online. Oxônia, UK: Oxford University Press, [2016]. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 11 jun. 2019.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa, cujas informações obtidas serão utilizadas no trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia, vinculado a Faculdade de Comunicação e informação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine esse documento e nos encaminhe por e-mail ou nos avise que podemos recolhê-lo pessoalmente. Caso aceite fazer parte da pesquisa, preencha o questionário da pesquisa pela internet. Em caso de recusa, o (a) Senhor (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, o (a) Senhor (a) pode entrar em contato comigo pelo e-mail ou telefone disponibilizados abaixo.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

- Título da pesquisa: Comportamento informacional e desinformação: Uma percepção de como os graduandos do curso de Biblioteconomia da UFG lidam com estes temas;
- Pesquisadora responsável: Ohana Francielly dos Santos;
- E-mail: hana.francielly@gmail.com;
- Orientadora: Prof^a. Ma. Rose Mendes da Silva;
- Telefone para contato: (62) 98220-8942 ou (62) 3268-3774;
- Estudo vinculado à pesquisa “A leitura e suas concepções teóricas, históricas e conceituais: perspectivas no campo do letramento informacional e comportamento informacional em diferentes instâncias educacionais formais e informais” – projeto aprovado no Comitê de Ética da UFG (Processo CAAE 41236915.8.0000.5083/2015), coordenado pela Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos, do curso de Biblioteconomia da UFG.

A presente pesquisa tem como objetivo: Analisar a percepção de como os graduandos do curso de Biblioteconomia da UFG lidam com os temas: comportamento informacional e desinformação, sendo com base nessa premissa que a presente pesquisa se justifica. Visando o cumprimento desse objetivo necessitamos de sua participação por meio do preenchimento de itens, distribuídos

no questionário. O (a) Senhor (a) utilizará em torno de 5 minutos para responder o presente questionário.

Informamos que a participação nesta pesquisa não gera complicações legais, nem risco à sua integridade física ou moral. O desconforto será o direcionamento de tempo para o preenchimento dos itens. O benefício que o presente projeto pode proporcionar está na reflexão de futuros bibliotecários em relação a temática: comportamento informacional e desinformação. Salienta-se que sempre que desejar, poderá entrar em contato com a pesquisadora. Esclarecemos que não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela participação na pesquisa, HÁ A GARANTIA DO SIGILO QUE ASSEGURE A PRIVACIDADE E O ANONIMATO DO (AS) PARTICIPANTE (S) e que assegurada sua liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo.

Esta pesquisa pode ser entendida como uma pesquisa aplicada, exploratória, bibliográfica e documental. Pode ser considerada como de abordagem quali-quantitativa. A pesquisa volta-se aos estudantes de Biblioteconomia da UFG e sua população é constituída pelos discentes do curso que estarão no sexto e oitavo períodos no segundo semestre de 2019. O participante tem a garantia de liberdade de se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento presentes no questionário.

Declaramos aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, via Repositório Institucional UFG: Faculdade de Informação e Comunicação (FIC). O participante tem o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa. Tendo em vista a pesquisa envolver o armazenamento em banco de dados pessoal/ institucional, informamos aos participantes que toda pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo/a participante e também será submetida novamente para aprovação do CEP institucional e, quando for o caso, à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Goiânia, _____ de _____ de 2019.

Atenciosamente,
Ohana Francielly dos Santos
Graduanda em Biblioteconomia – UFG

Assinatura do participante

APÊNDICE B – Questionário aplicado junto aos estudantes de Biblioteconomia

Prezado (a) estudante, este questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso intitulado: 'Comportamento informacional e desinformação: uma percepção de como os graduandos do curso de Biblioteconomia da UFG lidam com estes temas', que tem como autora a estudante do oitavo período de Biblioteconomia, Ohana Francielly dos Santos. O questionário a seguir servirá para a coleta de dados para o trabalho de conclusão de curso e os dados serão analisados para melhor compreender a percepção dos graduandos do curso de Biblioteconomia da UFG referente aos temas: comportamento informacional e desinformação. Desde já, agradeço sua participação visando contribuir com os avanços da pesquisa em relação aos temas supracitados.

1. Qual período você está cursando?

- Sexto
- Oitavo

2. Qual a sua faixa etária?

- 15 a 19 anos
- 20 a 24 anos
- 25 a 29 anos
- 30 ou mais

3. Qual é o seu entendimento sobre fake news?

- São notícias falsas publicadas de forma anônima como sendo informações reais.
- Notícias manipuladas, com a intenção de favorecimento a um determinado grupo ou pessoa.
- É a banalização da verdade, desconsiderando os fatos e comprovações reais no processo de formação de opinião.
- Notícia falsa divulgada com o propósito de confundir ou induzir a erro.

4. Você verifica a fonte dos conteúdos qual compartilha através das suas redes sociais? (Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp e outras).

- Sim
- Não
- Às vezes

5. Você já repassou conteúdos falsos através das suas redes sociais, por não ter checado a informação previamente?

- Sim
- Não

6. Você se considera capacitado para identificar conteúdos falsos, disseminados na internet?

- Sim
- Não

7. Caso sua resposta anterior tenha sido sim, como você realiza essa identificação?

- Verificando a fonte e comparando com outra.
- Conversando com amigos.
- Pesquisando mais sobre o tema.
- Busca em fonte que já considera confiável.
- Outra, qual? _____.